

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

CARLA GEOVANA FONSECA DA SILVA DE CASTRO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA COMUNIDADE ESCOLAR DE
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM SOBRE O QUE É SER UM BOM
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Juiz de Fora

2007

CARLA GEOVANA FONSECA DA SILVA DE CASTRO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA COMUNIDADE ESCOLAR DE
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM SOBRE O QUE É SER UM BOM
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior

Juiz de Fora

2007

TERMO DE APROVAÇÃO**CARLA GEOVANA FONSECA DA SILVA DE CASTRO****REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA COMUNIDADE ESCOLAR DE
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM SOBRE O QUE É SER UM BOM
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, com a seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Carlos Fernando Ferreira da Cunha Júnior
(Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof^a Dr^a Luciana Pacheco Marques
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF

Prof^a Dr^a Leiva de Figueiredo Viana Leal
Programa de Pós-Graduação em Educação, UNINCOR

Juiz de Fora, 27 de março de 2007.

Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo
Tente... SEMPRE!
(Parafraseando Raul Seixas)

Marcelo,
a você que sempre esteve ao meu lado, confiando em mim, tornando-me cada vez mais forte. Você faz parte desta vitória!

AGRADECIMENTOS

Este é um momento fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil porque sempre é muito bom agradecer. Difícil porque temo esquecer de mencionar alguns nomes tão preciosos.

Muitas foram as pessoas que me ajudaram nessa caminhada. Aqui fica meu agradecimento. São tantas que não caberiam nessas linhas... Agradeço, então:

Em especial a Deus por ter me dado o dom da vida a cada dia e a força da superação.

À minha mãe e minha irmã, duas companheiras na eterna torcida para que eu vença na vida.

À minha família, por compreender (ou pelo menos tentar e respeitar) minha “presença ausente”.

Ao Carlos Fernando, meu orientador, por me ajudar a melhor compreender os avanços e retrocessos da Educação Física brasileira e os vieses de uma pesquisa.

À Luciana Marques, nossa Lu, por sua incondicional ajuda, sempre com uma palavra, um olhar, um gesto certo na hora certa.

À Ludmila Mourão, por suas contribuições na construção da dissertação durante o período de qualificação.

À Leiva Leal, pela oportunidade de crescimento no decorrer e finalização da pesquisa.

Aos funcionários do PPGE, em especial Getúlio e Cida, por sempre me atenderem com carinho, atenção e disponibilidade.

À prof^a Diva, na qualidade de coordenadora do Programa, sempre atenta a solucionar os percalços e assistir aos mestrandos.

Aos colegas de mestrado e demais professores do Programa, por me fazerem acreditar que não construímos nada sozinhos.

Aos que contribuíram direta e indiretamente com esta pesquisa.

A todos vocês: **MUITO OBRIGADA!**

RESUMO

Entendendo ser o professor o sujeito protagonista em uma escola, apresentamos como objetivo desta pesquisa identificar as Representações Sociais da comunidade escolar em Cachoeiro de Itapemirim (ES) sobre o que é ser um BOM professor de Educação Física. Para tal, em um primeiro momento, fizemos um estudo-piloto com o uso da técnica de entrevistas semi-estruturadas com três sujeitos da referida comunidade escolar, sendo eles um diretor e dois professores. Nesse estudo-piloto, verificamos que a representação social do professor de Educação Física está vinculada à esportivização. Em um segundo momento, na pesquisa propriamente dita, entrevistamos vinte e quatro sujeitos, sendo eles seis pedagogos, seis professores, seis pais e seis alunos de 8ª série do Ensino Fundamental. Utilizamos três escolas públicas municipais para a seleção dos sujeitos. Uma vez coletados os dados, fizemos a interpretação e análise à luz da Representação Social, utilizando Moscovici (1978, 2001, 2003) e Jodelet (2001), além da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977) e dos movimentos históricos que permearam a Educação Física (DARIDO & RANGEL, 2005). Podemos concluir que, dentre os professores e pedagogas, a abordagem esportivista foi a predominante (assim como no estudo-piloto). Já para os pais e alunos, a representação do BOM professor de Educação Física está atrelada ao educador, mediador, criativo, independente de qual conteúdo será ministrado por esse professor. A visão desses alunos corrobora a importância da abordagem crítico-emancipatória. Concluímos que ainda há muito o que se fazer na escola para evitar o continuísmo da representação do professor de Educação Física que somente ministra esportes com bola a fim de contemplarmos o anseio de nossos alunos pelo professor mediador.

Palavras-chave: Bom professor, Educação Física, Representações Sociais.

ABSTRACT

Understanding to be the professor the subject protagonist in a school, we present as objective of this research to identify the Social Representations of the pertaining to school community in Cachoeiro de Itapemirim (ES) on what it is to be a GOOD professor of Physical Education. For such, at a first moment, we made a study-pilot with the use of the technique of interviews half-structuralized with three citizens of the related pertaining to school community, being they a director and two professors. In this study-pilot, we verify that the social representation of the professor of Physical Education is tied to the sportivization. At as a moment, in the research properly said, we interview twenty and four citizens, being they six pedagogues, six teachers, six parents and six pupils of 8th grades of Basic Teach. We use three municipal public schools for the election of the citizens. A time collected the data, we made the interpretation and analysis to the light of the Social Representation, using Moscovici (1978, 2001, 2003) and Jodelet (2001), beyond the Analysis of Content proposal for Bardin (1977)e of historical movements that permeated the Physical Education (DARIDO & RANGEL, 2005). We can conclude that, amongst the teachers and pedagogues, the sport boarding was the predominant one (as well as in the study-pilot). For the parents and pupils, the representation of the GOOD professor of Physical Education is linked to the educator, mediator, creative, independent of which content will be given by this professor. The vision of these pupils corroborates the importance of the critical-emancipatory boarding. We conclude that still it has very what to become in the school to prevent continuous actions of the representation of the teacher of Physical Education that only gives sports with ball in order to contemplate the yearning of our pupils for the mediating teacher.

Key-Words: Good teacher, Physical Education, Social Representation.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	09
LISTA DE ANEXOS	11
INTRODUÇÃO.....	12
1- DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	15
2- ACERCA DO BOM PROFESSOR	19
3- E O BOM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA?	27
4- OS CAMINHOS DA PESQUISA: A METODOLOGIA	33
4.1- As entrevistas	34
4.2- A Análise de Conteúdo	35
5- AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO-PILOTO.....	38
5.1- O caminho percorrido no Estudo-Piloto	40
5.2- Análise e Discussão dos Resultados da Análise do Estudo-Piloto	41
6- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS DAS PEDAGOGAS E PROFESSORES	49
6.1- A fala das pedagogas.....	50
6.2-A fala dos professores.....	61
7- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS NA ENTREVISTA DOS PAIS E DOS ALUNOS	72
7.1- A fala dos pais.....	72
7.2-A fala dos alunos	79
CONCLUSÕES OU NOVAS INDAGAÇÕES?	87
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXOS.....	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Fatores determinantes da qualidade do ensino subjacentes ao significado do BOM professor	28
Quadro 2	Perfil do BOM professor de Educação Física (entrevista)	47
Quadro 3	Técnica de Associação Livre. Chamada: bom professor de Educação Física	47
Quadro 4	Descrição da fala da pedagoga Swellen	52
Quadro 5	Descrição da fala da pedagoga Camila	54
Quadro 6	Descrição da fala da pedagoga Bárbara	55
Quadro 7	Descrição da fala da pedagoga Lorena	57
Quadro 8	Descrição da fala da pedagoga Pyetra	59
Quadro 9	Descrição da fala da pedagoga Alexia	61
Quadro 10	Descrição da fala da professora Joelma	62
Quadro 11	Descrição da fala da professora Amélia	63
Quadro 12	Descrição da fala do professor Idergino	65
Quadro 13	Descrição da fala do professor Kayque	66
Quadro 14	Descrição da fala da professora Elane	68
Quadro 15	Descrição da fala da professora Mônica	69
Quadro 16	Descrição da fala da mãe Magda	74
Quadro 17	Descrição da fala da mãe Conceição	76
Quadro 18	Descrição da fala da mãe Miltes.....	77
Quadro 19	Descrição da fala da mãe Maura	77
Quadro 20	Descrição da fala da mãe Gabrielle.....	78
Quadro 21	Descrição da fala do pai Alyson.....	79
Quadro 22	Descrição da fala da mãe Luzia	81

Quadro 23	Descrição da fala do aluno Bruno	81
Quadro 24	Descrição da fala da aluna Lina	82
Quadro 25	Descrição da fala do aluno Lucas	84
Quadro 26	Descrição da fala da aluna Cristiane	85
Quadro 27	Descrição da fala da aluna Patrícia	86

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Decreto nº 69.450 de 1º de novembro de 1971	93
ANEXO 2	Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.....	95
ANEXO 3	Carta para os pais apresentada às escolas	98
ANEXO 4	Bilhete enviado aos pais pelas escolas	99
ANEXO 5	Termo de Consentimento livre e esclarecido	100
ANEXO 6	Roteiro de perguntas na entrevista do estudo piloto	101

INTRODUÇÃO

Apresentamos este estudo sobre as Representações Sociais (RS) da comunidade escolar em Cachoeiro de Itapemirim sobre o que é o BOM professor de Educação Física.

Entendemos ser de suma importância um estudo sobre o professor e, sobretudo de Educação Física, na medida em que ainda percebemos representações atreladas a diversos momentos históricos pelos quais a Educação Física passou. Também nessa órbita, identificamos poucos estudos na área com esse enfoque.

Nascida e criada em uma família de educadores, nossa ligação com a educação vem se fortalecendo ao longo dos anos.

Durante nossa trajetória acadêmico-profissional, atuando há mais de quinze anos no magistério nos diversos níveis de ensino (infantil, fundamental, médio e superior) identificamos que, dentro de um espaço institucionalizado, o professor se destaca como o protagonista das relações presentes na produção dos conhecimentos subjacentes às relações de ensino-aprendizagem.

Muitas vezes, percebemos, ao longo desses anos, falas e idéias como: “o professor é a alma da escola! O professor é o segundo pai/mãe do aluno! Ou ainda, aluno retido/reprovado é responsabilidade do professor!”. Verificamos que essas expressões ainda hoje são veiculadas nas salas de aula, conselhos de classe, reuniões de pais, entre outros momentos do cotidiano da nossa vida escolar.

Tais idéias nos remetem a representações e assim, neste estudo pretendemos identificar as representações sociais da comunidade escolar em Cachoeiro de Itapemirim que é sobre o BOM¹ professor de Educação Física.

Em relação ao problema de investigação, por sermos professora de Educação Física, percebemos que, como em outras disciplinas, há muitas representações em torno de nosso fazer pedagógico. No entanto, pelo fato de o professor de Educação Física ministrar suas aulas, na maioria das vezes, em um espaço aberto – a quadra – fazendo com que diversos segmentos da comunidade escolar observem parte do cotidiano das aulas, entendemos que tal lócus propicie maiores chances de haver representações sobre o professor de Educação Física.

¹ Optamos por colocar em caixa alta o vocábulo “BOM” toda vez que nos remetermos à Representação Social do professor, para enfatizarmos acerca da questão principal desta dissertação.

Essa discussão foi amadurecendo durante os debates ocorridos no momento do mestrado, principalmente nas disciplinas cuja temática era a formação do professor. Todas essas reflexões nos instigaram a pensar em torno do fazer pedagógico do professor. Nesse sentido, questionamos, uma vez que a comunidade escolar tem maior acesso à observação das aulas de Educação Física, quais as representações sociais do BOM professor de Educação Física pela comunidade escolar em Cachoeiro de Itapemirim.

Escolhemos a cidade de Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo pelo fato de residirmos na referida cidade, além dela ser considerada o principal pólo de desenvolvimento do Sul do Estado do Espírito Santo, sendo responsável indiretamente pelo desenvolvimento de mais de vinte municípios adjacentes e ser possuidora de um Escola de Educação Física formadora de aproximadamente 90 professores por ano desde 2004.

Entendemos que a representação do BOM professor de Educação Física possa ser entendida, na maioria das vezes, a partir de observações das suas aulas, sem levar em consideração suas estratégias didáticas, avaliação, criatividade, interação dos alunos de forma concreta e objetiva, referencial teórico utilizado, dentre outros. Isso se dá devido a grande maioria das aulas de Educação Física ocorrer em um espaço

Para a realização desta pesquisa, entendemos aqui como comunidade escolar pais, pedagogos, alunos e professores de outras disciplinas. Esses foram sujeitos da pesquisa realizada em um primeiro momento – o estudo piloto – em uma escola estadual em Cachoeiro de Itapemirim/ES e no segundo momento – a pesquisa de campo propriamente dita – em três escolas públicas municipais no mesmo município.

Acreditamos que as RS sobre o que é ser um BOM professor de Educação Física ainda estejam fortemente ligadas ao paradigma da aptidão física que, segundo Coletivo de Autores (1993) apóia-se na pedagogia tradicional influenciada pela tendência biologicista para adestrar o homem, alienando-o de sua condição de sujeito histórico.

O estudo justifica-se com o propósito de nos ajudar a refletir sobre as causas das representações construídas sobre o BOM professor de Educação Física ser atrelada, muitas vezes, a não adoção de uma constante política de planejamento das suas aulas (alunos escolhem os conteúdos/atividades) sem a necessária intervenção e mediação do professor ou ainda, o professor é BOM quando consegue formar uma equipe esportiva

que consiga ser campeã em determinada modalidade esportiva, na sua cidade ou região.

Logo, nessa leitura que julgamos ser predominante, o BOM professor é aquele que domina as técnicas de ensino-aprendizagem capazes de levar seu aluno ao “sucesso”, ser campeão, à quebra de recordes escolares e, é claro, ser um profundo conhecedor das regras, fundamentos técnicos e táticos, dos sistemas de jogos, entre outros condicionantes necessários à formação de “vencedores”.

Essa representação está sendo reforçada mais recentemente através da mídia com os preparativos para os jogos pan-americanos que serão realizados no estado do Rio de Janeiro no corrente ano. Vários são os anúncios televisivos, reportagens especiais, matérias que fortalecem tal representação.

Sabemos que, na verdade, o objetivo da mídia é incitar os telespectadores a assistirem ao esporte-espetáculo. Pires (2002) ressalta que o processo de transformação do esporte em espetáculo de fácil consumo em todo o mundo atinge uma etapa aguda na medida em que sua reapropriação social é proporcionada pelos meios de comunicação de massa.

Assim, a televisão, em busca da audiência, com tais anúncios, reforça a representação do BOM professor de Educação Física como aquele que promove atletas campeões e, ao mesmo tempo, garante que o telespectador assista aos jogos sentindo-se como parte do elenco do espetáculo uma vez que ele torcerá e vibrará com cada jogador.

Essa Educação Física se respalda em uma tendência esportivizada e utilitarista, com a idéia de ser capaz de promover a ascensão social do aluno, contribuindo, inclusive, para a prevenção e recuperação do aluno nas dependências químicas e no mundo do tráfico.

Historicamente tem sido assim. Os elementos que fundamentam as representações sociais das pessoas em relação ao que é um BOM professor de Educação Física têm relação direta com a própria história do ensino da Educação Física.

Para a realização da referida pesquisa, desenvolvemos os seguintes capítulos: Das representações sociais (capítulo 1); a revisão literatura com pesquisas acerca do BOM professor (capítulo 2); as concepções do BOM professor de Educação Física também pela literatura (capítulo 3); o caminho trilhado/metodologia para a realização da pesquisa (capítulo 4); as contribuições do estudo-piloto no primeiro momento da pesquisa (capítulo 5) e a análise da fala de nossos sujeitos.

1- DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para atendermos ao objetivo da pesquisa que é identificar a representação da comunidade escolar de Cachoeiro de Itapemirim (Espírito Santo) sobre o que é ser um BOM professor de Educação Física, optamos por lançar mão da Teoria das Representações Sociais (RS).

A Teoria das Representações Sociais foi adotada enquanto forma de conhecimento elaborado e sistemático, na busca da construção de uma realidade comum, com vistas ao homem como um ser histórico-político-social. Utilizamos, como referencial teórico, autores como Moscovici (1978, 2001 e 2003) e Jodelet (2001).

Anteriormente à pesquisa das RS, apresentamos Durkheim (1978) que estudou as representações coletivas. Segundo ele, tais representações se transmitem vagarosamente por gerações. Ele dividiu as representações em dois tipos: as individuais, que se referem à consciência de cada um e as coletivas, que se referem à sociedade em sua totalidade. Para ele,

as representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo é constituído de modo diferente do indivíduo e as coisas que o afetam são de uma outra natureza. Logo, representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos não poderiam depender das mesmas causas. Para compreender a maneira como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a de particulares (ibid., p. 79).

Já nessa afirmação, Durkheim reconhecia que as representações se construíam numa relação dialética entre o sujeito e o objeto, uma vez que um depende do outro e que ambos (sujeito e objeto) existem devido a essa relação. O autor também identificou que há uma semelhança entre as representações sociais e coletivas. No entanto, os estudos científicos, na época, ainda não haviam avançado o suficiente para responder às questões geradas por essa semelhança.

Na tentativa de retomar e renovar o conceito de representação coletiva de Durkheim, em 1961, o psicólogo francês Serge Moscovici introduziu o conceito de Representação Social. Seus estudos giravam em torno da representação social da psicanálise, sua função simbólica e seu poder de construção do real. Moscovici (2001),

então, enfatiza a relação dialética entre o indivíduo e a sociedade. Para o autor,

a representação é homogênea e vivida por todos os membros de um grupo, da mesma forma que partilham uma língua. Ela tem por função preservar o vínculo entre eles, prepará-los para pensar e agir de modo uniforme. Ela é coletiva por isso e também porque perdura pelas gerações e exerce uma coerção sobre os indivíduos, traço comum a todos os fatos sociais. (ibid., p. 47).

Dessa forma, Moscovici, substituiu o conceito de coletivo (de conotação mais cultural, estática e positivista) por “social”. Ele acreditava que as representações são sociais porque circulam na sociedade, podendo ser comparadas a uma epidemia.

Moscovici (2003) ainda afirmou que as representações possuem duas funções: a primeira, convencionalizar os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram e a segunda, serem prescritivas ao se imporem sobre os seres humanos com uma força irresistível.

Sendo assim, as RS são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas. Logo, a idéia da representação, como já afirmamos, é dialética. O homem possui suas representações individuais que circularão no meio coletivo e simultaneamente recebe influências desse mesmo coletivo, uma vez que o indivíduo compõe a coletividade e, por isso, está inserido na própria sociedade.

Para reforçar essa idéia, recorreremos a Moscovici (1978, p. 59), ao afirmar que “as representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica”.

O referido autor aborda em um nível relativamente superficial, conforme ele mesmo afirma, que a RS “se mostra como um conjunto de proposições, reações e avaliações que dizem respeito a determinados pontos, emitidas aqui e ali, (...) pelo ‘coro’ coletivo de que cada um faz parte, queira ou não”. (op. cit, p. 67)

Podemos afirmar que as Representações Sociais são importantes na vida do ser humano na medida em que ele sente necessidade de se ajustar ao mundo que está à sua volta. Esse ajustamento acontece, segundo Jodelet (2001, p. 17), porque as Representações Sociais “nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma decisiva”.

Nesse sentido, enfatizamos que as RS não são somente rótulos, opiniões ou imagens que os indivíduos têm sobre outros indivíduos ou objetos. São teorias coletivas sobre o real e que têm linguagem própria. É uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos “que determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das idéias compartilhadas pelos grupos e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas” (MOSCOVICI, 1978, p. 51). Vale a pena destacar que os indivíduos não assimilam os fatos e idéias de acordo com que lhes é passado, eles reinventam, reelaboram. Essa reelaboração se dará de acordo com a representação cuja idéia o indivíduo possua.

Nesse sentido, Assunção (1994) *apud* Lopes (2007, p. 20) afirmou que

não há como negar o papel fundamental que as representações sociais exercem nas concepções que orientam o cotidiano das pessoas. Elas englobam os preconceitos, os valores, as crenças, etc., construídos através das relações sociais vivenciadas pelos indivíduos. É útil considerar também o caráter dinâmico das representações, ele faz com que os indivíduos as “re-apresentem”, as modifiquem, criando novas representações: elas se fazem visíveis em todas as relações que os homens estabelecem entre si.

Indo ao encontro de Assunção, Moscovici (2001) descreveu dois processos cognitivos que se relacionam dialeticamente e atuam na formação das representações: a objetivação e a ancoragem. O primeiro consistia na transformação de uma idéia em algo concreto. O segundo no enraizamento social da representação. Ancorar é classificar e rotular. Nós utilizamos esses processos para nos familiarizar com algo que nos é estranho e conseqüentemente, ameaçador. Essa classificação, esse rótulo estão arraigados de idéias, de representações construídas ao longo do tempo levando em consideração o meio em que estamos inseridos. Tal representação está condicionada à nossa construção como indivíduo.

Jodelet (2001) afirmou que na objetivação, a intervenção dos processos sociais se dá no agenciamento e na forma dos conhecimentos relativos ao objeto da representação. Já na ancoragem, tal intervenção se traduz na significação e na utilidade que lhe são conferidos. Ressaltamos que, nesse último aspecto, os elementos da representação exprimem as relações sociais e contribuem para constituí-las.

Reforçamos que esse sistema de interpretação possui uma função mediadora entre o indivíduo e seu meio e entre os membros de um mesmo grupo, no sentido de afirmar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento de cada indivíduo.

Assim como Jodelet, Chartier (1990) citado por Dauster (2001, p. 49) entende a noção de representação social “tendo em vista a sociologia histórica do ato de ler, associada à prática cultural”. Nesse sentido, Chartier percebe o homem como ser histórico-social que classifica, divide e delimita e apreende o mundo social como categorias fundamentais da percepção e apreensão do mundo real. Essa classificação, divisão e delimitação se tornarão esquemas construídos relacionados aos interesses que o geram. Dessa forma, cada indivíduo estabelece relações entre o que é dito e o lugar social daquele que o profere fazendo com que não haja discursos neutros.

Para Dauster (2001), Chartier conclui que o conceito de representação deve permitir ao historiador compreender as operações intelectuais realizadas pelos sujeitos para a apreensão do mundo. Dessa forma, seria possível o aprofundamento de três formas de interação entre o sujeito e o mundo. São elas:

- as atividades de classificação e delimitação, com vistas como construções sociais da realidade, geradas pelos diferentes universos sociais, de forma plural e contraditória;
-
- as práticas sociais expressivas de modos de existência e de relações do sujeito com o mundo, que têm sua lógica própria;
-
- as formas institucionalizadas de agir, pensar, sentir, coletivas ou singulares, simbólicas da existência e da continuidade de grupos e classes. (op. cit., p. 50)

Sendo assim, Chartier amplia o conceito de representação proposto por Durkheim e Moscovici, analisando quem é o sujeito, qual é o meio em que ele está inserido, suas maneiras de agir, pensar e sentir em relação aos discursos proferidos por esses sujeitos.

Assim, concluímos que as representações do campo de conhecimento da Educação Física e, mais especificamente, do BOM professor de Educação Física são concebidas individual e coletivamente.

2- ACERCA DO BOM PROFESSOR

Neste capítulo, procuraremos estabelecer um diálogo com alguns estudos sobre o mérito e a constituição de ser um BOM professor. Tendo como base essa temática, Arroyo (2002, p. 19) enfatiza que quanto mais nos aproximamos do cotidiano escolar “mais nos convencemos de que ainda a escola gira em torno dos professores, de seu ofício, de sua qualificação e profissionalismo. São eles e elas que a fazem e reinventam”.

Tal idéia reforça a importância de estudar sobre o professor. Com isso, identificamos autores que se debruçam e envidam esforços nesse sentido, destacando Cunha (1989), Rangel (1994 e 1999), Neves (2001), dentre outros.

Entendemos que a discussão sobre o BOM professor é simbólico-cultural. Cada aluno, cada indivíduo possui sua representação do BOM professor. Tal representação é vinculada ao meio em que o indivíduo vive, ao que é produzido em suas relações, à sua visão de mundo e à sua construção como sujeito.

Em outra vertente, destacamos a discussão sobre a profissão docente, da qualificação, da profissionalização do professor neste século tendo como fundamentação teórica Perrenoud (2000), Martins (2006) e outros. Em suas obras, encontramos o questionamento sobre o que é ser professor e que competências esse professor deve ter para ser considerado um BOM profissional.

Este ponto de vista está intimamente ligado à relação histórica da sociedade (e não mais do indivíduo), de como o professor é percebido enquanto profissional da educação. Dominar as tecnologias, ser gestor-educador, entre outras características, fazem parte dessa relação histórica.

Esta é a primeira discussão que queremos levantar. Sendo assim, apresentamos os estudos de Neves (2001, p. 4), no qual identificamos que

o bom professor sempre é definido em função das contradições presentes numa sociedade em determinada época...

.....
Dentro da realidade educacional de atualmente, podemos dizer que o bom professor privilegia a transmissão de conteúdos culturais significativos até serem devidamente assimilados pelos alunos; busca interação com outros professores da escola na qual leciona, para que os conteúdos ganhem especificidade e aprofundamento; procura constantemente atualizar-se, além

de uma dedicação maior à literatura de sua área de atuação, acompanha e inter-relaciona os dados provindos de outros campos de conhecimento, tais como história, política e economia; luta no sentido de evitar o massacre da repetência e da evasão escolar.

Fundamentamo-nos, também, em Cunha (1989, p. 27) que, assim como Arroyo (op. cit.) ressalta a importância do professor. Ela assim afirma: “é impossível desconhecer que sem professor não se faz escola e, conseqüentemente, é fundamental aprofundar estudos sobre ele”. É justamente isso que procuramos fazer nessa pesquisa.

Já Altet (2001) define o professor profissional como uma pessoa autônoma. Ela enfatiza que este tipo de professor é um profissional da articulação do processo ensino-aprendizagem em uma determinada situação e da interação das significações partilhadas. Coadunamos com a autora por ser fundamental tal característica, uma vez que compreendemos o professor como mediador do processo ensino-aprendizagem.

Neste momento recorremo-nos à Rangel (1999, p. 48), que destaca sobre a ação docente. Para a autora, “o professor, cuja ação é um dos determinantes da qualidade do ensino, mobiliza, naturalmente, os estudos e as pesquisas didáticas”. Para nós, esta é uma das diversas funções do professor: mobilizar, não somente os estudos e as pesquisas didáticas, mas também os alunos, as escolas, a comunidade e os demais atores responsáveis pela organização da Instituição escolar. Rangel nos faz concluir que, se há tantos estudos sobre o professor é porque ele é um elemento fundamental no processo ensino-aprendizagem.

Encontramos, nos *Referenciais para Formação de Professores*, o profissionalismo como característica marcante do BOM professor. Seu profissionalismo requer que ele

saiba avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que atua e interagir cooperativamente com a comunidade profissional a que pertence. Além disso, ele precisa ter competência para elaborar coletivamente o projeto educativo e curricular para a escola, identificar diferentes opções e adotar as que considere melhor do ponto de vista pedagógico. (BRASIL, 1999a, p. 61).

Em consonância com os Referenciais apresentados, Perrenoud (2000) destaca que o professor deve ter dez novas competências para ensinar. São elas: organizar e dirigir situações de aprendizagem; administrar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da

escola; informar e envolver os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; e administrar sua própria formação contínua.

Procurando estabelecer um diálogo com o autor, concluímos que, para ele, o BOM professor deve ter desenvolvidas essas dez competências. Entendemos, ainda, que essas competências mudarão, se ampliarão ou serão substituídas à medida que a sociedade evolua. Tais competências são reveladas a partir das necessidades modernas de cada sociedade.

Em outro estudo sobre o assunto em tela, Martins (2006) afirma que o professor do século XXI é aquele que, além da competência, habilidade interpessoal, equilíbrio emocional, tem a consciência de que o desenvolvimento humano é mais importante do que o desenvolvimento cognitivo e que o respeito às diferenças está acima de toda pedagogia.

Dessa forma, o autor apresenta um decálogo² para atividade docente de um BOM professor do terceiro milênio: aprimorar o educando como pessoa humana; preparar o educando para o exercício da cidadania; construir uma escola democrática; qualificar o educando para progredir no mundo do trabalho; fortalecer a solidariedade humana; fortalecer a tolerância recíproca; zelar pela aprendizagem dos alunos; colaborar com a articulação da escola com a família; participar ativamente da proposta pedagógica da escola; e respeitar as diferenças. Por fim, Martins conclui que a função do BOM professor do século XXI não é apenas a de ensinar, mas de levar seus alunos ao reino da contemplação do saber.

Como cada um dos autores apresentados defende a idéia de estudarmos sobre o professor e sua importância no cotidiano escolar. No entanto, sentimos a necessidade de nos aprofundarmos nos estudos sobre o BOM professor.

Rangel (1994, p. 19), afirma que “o estudo das representações do ‘bom professor’ revela idéias que expressam o entendimento da prática docente. Essas idéias refletem os fatos e refletem-se nos atos. Por isso, representar é, potencialmente, agir”. Assim, acreditamos que a prática docente esteja subjacente ao processo de formação integral do professor e sua ação no cotidiano. De acordo com seus atos, sua representação se constituirá se dará como um BOM professor ou não.

A prática docente também implica relações de poder. A relação professor-aluno

² Segundo o dicionário Aurélio, decálogo significa “os 10 mandamentos da lei de Deus”. É um conjunto de dez palavras ou ações.

está contida nisso. A autoridade que ambos devem ter em sala depende dessa relação.

Nessa ótica, Furlani (1990, p. 19-20) afirma que

as relações de autoridade não são somente baseadas no aspecto institucional; estamos considerando também, como exercícios diferenciais de poder, as relações que se estabelecem como autoridade em decorrência da competência do professor, competência essa que compreende o domínio teórico e prático dos princípios e conhecimentos que regem a instituição escolar. (...) O exercício da autoridade pressupõe, portanto, a existência de um respeito mútuo à diferença.

Ampliamos a idéia de Furlani entendendo que, além de ter a incumbência de dominar os conteúdos por ele trabalhados em aula, o professor necessita saber lidar com a diversidade. Desse modo, existirá o respeito mútuo à diferença. Daí vem a importância de sua prática docente.

Cunha (1989) apresenta seu estudo de mestrado (que posteriormente foi publicado) no qual professores considerados como BONS por seus alunos, apontam quais características um professor deve possuir para ser considerado como BOM professor. Entre essas características, destacamos: é aquele que explicita o objetivo do estudo que os alunos irão realizar, localiza historicamente o conteúdo, estabelece relações do conteúdo em pauta com outras áreas do saber, usa artifícios verbais para apontar as questões fundamentais dentro do conteúdo estudado, apresenta ou escreve o roteiro da aula, tem capacidade de formular perguntas, esforça-se em estabelecer uma forma de diálogo, torna compreensível o conhecimento que põe em disponibilidade para os alunos, varia estímulos/recursos, movimenta-se em sala de aula e chama os alunos pelo nome. A autora defende, ainda, a idéia de que o BOM professor deve ter prazer em estar com os alunos, seja no momento da aula ou não.

Nessa mesma perspectiva, Silva e Tunes (1999) apresentam um trabalho com entrevistas com algumas professoras e uma delas, Helga, defende que o BOM professor “teria uma relação honesta como próprio saber; na presença de uma dúvida, pesquisaria, procurando informar-se para explicar” (p. 92).

Raquel, outra entrevistada destas autoras, afirma que há dois tipos de professores: o real e o ideal. O primeiro “estaria inserido no contexto social e, com o tal misturaria um pouco os papéis de professor, de pai e de cidadão, reproduzindo, algumas vezes, na escola, a estrutura familiar” (p. 110). O último seria

um artista, teria que ter algo de criativo, induziria o aluno a ter vontade de aprender, faria com que ele sistematizasse um método de estudar. Esse professor acrescentaria, modificaria e faria o aluno compreender o mundo.

.....
 O professor ideal, assim como os pais ideais, deveria mostrar ao aluno a importância da escola e qual seria o seu papel nela, ou seja, o papel do aluno passaria a ação do professor; ele não o saberia de antemão. (ibidem)

Mais adiante, Raquel completa que do ponto de vista ideal, o professor deveria

tornar o ensino sistematizado mais atrativo para o aluno, um lazer, uma atividade prazerosa e interessante; orientaria e estimularia a aquisição de conhecimentos mesmo fora da escola; estimularia a curiosidade do aluno, de forma que ele relacionasse o que sabe com o que estaria aprendendo; verificaria e mostraria a aplicação desse conhecimento no dia-a-dia do aluno. O professor tornaria o aluno participante, questionador e capaz de interpretar o mundo por meio do conhecimento sistematizado, o que o transformaria em um elemento modificador (p. 110-111).

Em relação ao plano ideal, o professor deveria

avaliar o andamento da disciplina, ver quais os problemas existentes e trabalhar de modo diferente; adquirir novos conhecimentos para entender e resolver os bloqueios dos alunos; variar a abordagem da disciplina para facilitar a aprendizagem; levar o aluno a raciocinar de maneira adequada àquela disciplina, criando assim uma autonomia; mudar a estratégia para ensinar melhor; dar formação em termos de cidadania e participação política, não mera transmissão de conhecimentos; promover a sistematização e a elaboração do estudo pelo próprio aprendiz seriam atitudes que o professor deveria ter (p. 111)

Todas essas afirmações de Raquel como professor do ponto de vista “ideal”, fazem-nos concluir que as características mencionadas sejam de um BOM professor. No entanto, sabemos que o ideal é algo que ainda não temos, que estamos em busca. Até a utilização do tempo verbal – deveria (futuro do pretérito) – faz com que seja reforçada a idéia dessa busca que se torna constante a cada dia.

Madeira (2006) fez uma enquête para saber quais os motivos os candidatos ao vestibular de cursos superiores escolhem certa instituição para tentar a seleção. Para sua surpresa, o motivo maior foi a propaganda “boca a boca”. A razão pela qual leva uma pessoa a indicar a instituição foi o corpo docente, ou melhor, os BONS professores do curso. De posse dessa informação, o autor solicitou aos alunos que apontassem três características de um BOM professor.

O perfil humanista foi o mais valorizado pelos alunos (que seja amigo, mantenha bom relacionamento com todos, saiba ouvir, conselheiro, paciente, educado, bem-

humorado, descontraído e que gosta do que faz).

Num segundo momento, as respostas voltaram-se para a característica técnico-profissional (expressar-se com clareza, ser competente, criativo, sábio, moderno e motivador).

Uma minoria acredita que o BOM professor deva ser exigente, disciplinador e ter voz ativa. Aqui, encontramos as representações sociais do BOM professor. Todas as características elencadas fazem parte de uma construção simbólica na relação professor-aluno. Ressaltamos que a compreensão do ser/constituir-se BOM professor passa pela imagem construída por esse professor através de suas ações no dia-a-dia em sala de aula.

O autor ainda aponta as vantagens em ser um BOM professor: ele encontra trabalho com mais facilidade, tem maior mobilidade horizontal e vertical, com possibilidade de escolher onde trabalhar, não entra na lista de cortes de docentes (se o critério da demissão incluir a competência), pode retornar ao trabalho mesmo aposentado, é sempre lembrado para desempenhar funções diferenciadas ligadas à educação, dentre outras. Aqui, encontramos, novamente, a concepção do BOM professor como profissional atrelada à exigência da sociedade.

Para dar uma visão panorâmica do assunto, apresentamos, na tabela abaixo, os principais indicadores do perfil do BOM professor considerado pelos autores trabalhados:

Autor	Características do BOM professor como profissional docente
Altet (2001)	Ser autônomo e articulador do processo ensino-aprendizagem.
Furlani (1990)	Compreender o domínio teórico e prático dos princípios e conhecimentos que regem a instituição escolar.
Perrenoud (2000)	Organizar situações de aprendizagem e sua progressão; conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho; trabalhar em equipe; participar da administração da escola; informar e envolver os pais; utilizar novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; administrar sua própria formação contínua.
Rangel	Mobilizar os estudos e as pesquisas didáticas.

(1999)	
Martins (2006)	Aprimorar o educando como pessoa humana; prepará-lo para o exercício da cidadania; qualificá-lo para progredir no mundo do trabalho; construir uma escola democrática; fortalecer a solidariedade humana e a tolerância recíproca; zelar pela aprendizagem dos alunos; colaborar com a articulação da escola com a família; participar ativamente da proposta pedagógica da escola; e respeitar as diferenças.
Helga Silva Tunes (1999)	in: Ter uma relação honesta como próprio saber. Na presença de uma dúvida, pesquisar, procurando informar-se para explicar.
Raquel Silva Tunes (1999)	in: Estar inserido no contexto social e, com o tal misturar um pouco os papéis de professor, de pai e de cidadão, reproduzindo, algumas vezes, na escola, a estrutura familiar.
Neves (2001)	Privilegiar a transmissão de conteúdos culturais significativos; buscar interação com outros professores; atualizar-se, dedicar-se à literatura de sua área de atuação, acompanhar e inter-relacionar os dados provindos de outros campos de conhecimento; evitar a repetência e a evasão escolar.
Referenciais para Formação de Professores (BRASIL, 1999a)	Avaliar criticamente a própria atuação e o contexto em que atua; interagir cooperativamente com a comunidade profissional a que pertence; elaborar coletivamente o projeto educativo e curricular para a escola, identificar diferentes opções e adotar as que considere melhor do ponto de vista pedagógico.
Cunha (1989)	Explicitar o objetivo do estudo que os alunos irão realizar, localizar historicamente o conteúdo, estabelecer relações do conteúdo em pauta com outras áreas do saber, usar artifícios verbais para apontar as questões fundamentais dentro do conteúdo estudado, apresentar ou escrever o roteiro da aula, formular perguntas, estabelecer diálogos,

	tornar compreensível o conhecimento que põe em disponibilidade para os alunos, variar estímulos/recursos, movimentar-se em sala de aula e chamar os alunos pelo nome.
Madeira (2006)	Manter bom relacionamento com todos, saber ouvir, ser: amigo, conselheiro, paciente, educado, bem-humorado, descontraído competente, criativo, sábio, moderno e motivador; gostar do que faz e expressar-se com clareza.

Após orientarmos o leitor em relação aos diversos estudos feitos sobre o BOM professor, apresentaremos, a seguir, os estudos sobre o BOM professor de Educação Física.

3- E O BOM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Após buscarmos e estudarmos os referenciais teóricos sobre o BOM professor, é de suma importância que, neste capítulo, enfoquemos a questão em relação ao BOM professor de Educação Física por tratar-se de nosso objeto direto de investigação.

Uma pesquisa realizada por Beltrão e Macário (2000) nos revela que o professor é fator determinante para a existência da qualidade de ensino. Ambas reforçam que “a forma como o professor se comunica com seus alunos reflete-se não só na compreensão do conteúdo, mas também na motivação e no interesse para o melhor desempenho e participação discente”. (ibid, p. 83)

Com o intuito de analisar como o professor e o curso de Educação Física são conceituados e, ainda, como o aluno de Educação Física percebe o BOM professor, as autoras realizaram uma pesquisa com alunos do curso de Educação Física de duas instituições de ensino superior (uma federal e uma privada) e nos documentos oficiais com referência aos padrões de qualidade para oferta dos cursos de graduação, em especial o de Educação Física (CEEf/MEC/SESu).

Na visão do Estado mediante esse documento, o índice de qualificação do corpo docente (IQCD) refere-se, principalmente, à titulação dos professores, ao regime de trabalho, à compatibilidade entre a formação do professor, e as disciplinas que ministra na área específica do curso e a política da instituição para qualificação docente.

Coadunamos com as autoras, quando afirmam que esses índices valorizam mais o quantitativo do que o qualificativo. Para elas, em tal documento,

... utiliza-se somente a medida que se refere a primeira geração da avaliação e realiza-se uma pseudo-avaliação, a qual não leva em consideração pontos importantes como: qualidade da produção acadêmica, avaliação do desempenho docente e outros. Aspectos qualitativos relacionados ao professor enquanto educador, sua postura frente à formação de futuros profissionais da educação ou não (...) não fazem parte das evidências cobradas e valorizadas pelo Estado. (op. cit, p. 82)

Entendemos que a representação do BOM professor não deva ficar atrelada somente ao aspecto quantitativo. O mais importante é o desempenho do professor em sala de aula e não, necessariamente, o seu título ou suas horas de pesquisa trabalhadas na instituição.

Realizando a pesquisa com os graduandos em Educação Física, Beltrão e Macário (op. cit.) não perceberam diferenças significativas entre o resultado da escola pública e o da privada. Quanto às características que o docente deve apresentar para ser considerado um BOM professor, o resultado foi o seguinte:

Item	Privada	Federal
Recursos didáticos	2%	1%
Avaliação da Aprendizagem	2%	3%
Valores Pessoais	10%	10%
Motivação	15%	16%
Cordialidade	11%	5%
Relacionamento	13%	16%
Cultura Geral	1%	2%
Nível de Exigência	2%	1%
Conhecimento Específico	19%	18%
Comunicação e Linguagem	25%	28%

Quadro 1. Fatores determinantes da qualidade do ensino subjacentes ao significado do BOM professor. Visão comparativa de alunos de educação física, instituição federal versus privada. Rio de Janeiro, 1999. Adaptado de BELTRÃO e MACÁRIO (2000, p. 83).

Dos itens apresentados, o mais votado foi “Comunicação e Linguagem”. Acreditamos que essa votação expressiva se deu ao fato que a linguagem utilizada pelo professor e sua forma de comunicar com os alunos é fundamental para as relações professor-aluno e ensino-aprendizagem.

O item cordialidade foi o que apresentou maior discordância entre os alunos das diferentes universidades. Para as autoras, isso se deve ao perfil socioeconômico da maioria dos alunos da instituição privada: trabalhadores e integrantes do turno da noite. Tal resultado as levou a inferir que

as dificuldades que estes encontram para estudar do ponto de vista financeiro e material faz com que considerem a “motivação”, a “cordialidade” do professor, como fatores determinantes da qualidade do ensino, pois eles precisam sentir o reencantamento. (BELTRÃO & MACÁRIO, 2000, p. 84).

As autoras ainda afirmam que “... nos últimos quatro anos, a postura do professor, de maneira geral, e principalmente de educação física, é cobrada pelos alunos em função de corporeidade – o homem como um todo” (p. 85).

Procurando estabelecer um diálogo com Beltrão e Macário, discordamos de seu ponto de vista em relação que essa cobrança seja feita nos últimos quatro anos. A busca do homem como um todo, como um ser social vem desde a visão humanista de homem

e se consolida com o Movimento Renovador da Educação Física, mais precisamente na década de 80.

Anteriormente a isso, a corporeidade dissociada era cobrada e evidenciada desde a predominância da influência da aptidão física reforçada pelo Decreto 69.450 de 1º de novembro de 1971 (Anexo I).

Como podemos verificar, de acordo com seu artigo 5º, item III, em relação aos padrões de referência para orientação das normas regimentais de adequação curricular dos estabelecimentos, bem como para o alcance efetivo dos objetivos da Educação Física, desportiva e recreativa são situados em: “Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física”.

No entanto, se pararmos para pensar, tal Decreto apesar de sua revogação, após publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 (Anexo II), ainda está presente em nossos dias. A representação do BOM professor de Educação Física está atrelada às diretrizes desse Decreto como poderemos observar nos dados recolhidos no momento que fomos a campo.

Nessa linha de raciocínio, encontramos em Barbosa (2001, p. 17) uma reflexão acerca da influência do citado Decreto:

Em nossa sociedade, de um modo geral, existem representações sociais acerca da Educação Física Escolar, que a identificam como uma disciplina responsável apenas pela prática de treinamento desportivo e pela prática recreativa e/ou de lazer, sem qualquer preocupação em relacionar-se com a realidade social mais ampla, da qual a própria escola faz parte.

.....
Nesse contexto, a Educação Física enquanto uma ação pedagógica, aparece apenas como a imposição de determinados conteúdos, arbitrariamente escolhidos pela classe burguesa, às demais classes. Essa imposição de conteúdos, não acontece espontaneamente na realidade social; ela acontece de acordo com os interesses definidos pelo poder estatal, concretizando-se através de leis específicas.

Sendo assim, os professores estão sujeitos aos decretos e leis definidos pelo Governo para planejarem suas aulas.

Entendemos que a representação do BOM professor passa pelo seu planejamento e, conseqüentemente, essa representação está atrelada às leis, algumas delas construídas pelo corpo docente e outras impostas tanto pelo setor público quanto pelo privado.

Evidenciamos também que quando a Educação Física é identificada como treinamento desportivo e prática recreativa/lazer, a representação do BOM professor é

oriunda desse pensamento. Sendo assim, concluímos que, nessa visão, o BOM professor de Educação Física é aquele que trabalha com essas práticas.

Remetendo neste momento aos estudos de Darido (1996) *apud* Galvão (2002), a autora buscou relacionar a ação pedagógica do professor à sua formação profissional. Para isso, identificou dois tipos de formação: a **tradicional**, “voltada à valorização da prática esportiva em detrimento de outras práticas educativas, valorização da competição e da *performace*” e a **científica**, “a qual enfatiza a teoria e o conhecimento científico derivado das ciências-mães” (p. 66).

Podemos identificar que no primeiro tipo de formação, o professor guarda traços semelhantes ao treinador, enquanto no segundo, o professor procura corrigir as falhas da formação tradicional. No entanto, parafraseando Darido (in GALVÃO, 2002), percebemos que o conhecimento adquirido pelas ciências-mães (Fisiologia do Exercício, Sociologia, Aprendizagem Motora, dentre outras) não é utilizado pelos professores em suas aulas. Mesmo que os professores universitários procurem modificar a realidade do ensino da Educação Física, tal fundamentação nos leva a acreditar que a prática pedagógica do futuro professor continua atrelada aos esportes tradicionais, gestos técnicos ou à postura acrítica.

Nesse sentido, Galvão (2002) enfatiza que a formação acadêmica do professor, muitas vezes, não influencia diretamente em sua prática. Isso porque esse processo de formação é inacabado e como afirma Caldeira (2001, p. 89), está “em constante movimento de reconversão e a escola, reconhecida como um espaço privilegiado de formação profissional”.

Para nós, o BOM professor se caracteriza como aquele que está em formação contínua, tornando-se um “eterno” estudante. Seus estudos não se limitam ao mundo universitário. Na escola, junto com seus demais colegas professores e a contribuição de seus alunos, se dará a continuidade de sua formação. Além disso, somos seres inacabados que evoluímos todos os dias.

Reforçando essa idéia, Stefanini (2004, p. 78) define que “a formação do professor não deve estar limitada ao curso de graduação em Educação Física, ou mesmo de licenciatura.” Seu curso constitui uma base para que o recém-formado professor busque novas experiências e continue se fundamentando sobre objetivos, conteúdos e estratégias relacionados à Educação Física.

Para a autora,

o professor de Educação Física informado e bem embasado acerca da natureza do processo ensino-aprendizagem e da natureza do educando estará apto a decidir sobre sua atuação no processo educacional.

.....
 Há uma série de procedimentos docentes importantes que irão facilitar a aprendizagem, podendo assegurar uma melhor qualidade ao ensino da Educação Física. A escolha, contudo, dependerá do nível de atuação do professor, da situação de aprendizagem em que ele se encontra e dos objetivos e metas a serem atingidos. (ibidem, p. 79)

Sendo assim, para a autora, o BOM professor de Educação Física é aquele que escolhe conteúdos para melhorar a qualidade de ensino e facilitar a aprendizagem do aluno. Ampliando sua visão, acreditamos que, na vertente de estimular as problemáticas em sala de aula, o BOM professor pode, ser ao mesmo tempo, “facilitador” no processo ensino-aprendizagem e, também, um “complicador” propondo questões problemas a seu aluno, sendo um agente capaz de criar situações de tensões e sem respostas prontas e acabadas.

Na concepção de aulas abertas de Educação Física, em se tratando de uma visão esportivista, o ensino (e, conseqüentemente, o BOM professor como o propiciador do ensino) deve

capacitar os alunos a tratar de tal modo os conteúdos esportivos nas mais diversas condições dentro e fora da escola, que estejam em condições de criar, no presente ou no futuro, sozinhos ou em conjuntos, situações esportivas de modo crítico, determinadas autonomamente ou em conjunto. (HILDEBRANDT & LAGING, 1986, p. 5).

Tal concepção permite uma co-decisão por parte dos alunos no planejamento e nas atitudes do professor. Essa atitude teria sentido,

mas o que tem acontecido na Educação Física é um excesso de tecnicismo nos conteúdos, o qual não permite vir à tona o conjunto de significados que os alunos têm sobre as ações e os temas da aula. Isso tem acontecido porque, para o professor, é cômodo entender o quadro mental dos alunos quando estes são submetidos a um referencial conhecido, que é o esporte competitivo de alto nível. O esporte possui regras, normas e ações predeterminadas, que decidem sobre o andamento da aula de Educação Física escolar. (CARDOSO, 2003, p. 121)

Defendendo a escola numa perspectiva crítico-superadora, fica evidenciado na proposta por Soares *et al* (1993, p. 63) que a escola deve fazer “uma seleção dos

conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade”.

Acreditamos que o professor como protagonista da escola deva selecionar e organizar tais conteúdos. Daí surgirá sua representação do BOM professor.

Com uma visão mais ampliada em relação ao de Soares *et al*, Kunz (2002) também defende que a proposta pedagógica ideal para a Educação Física na concepção educacional deve ser, como ele mesmo denomina, crítico-emancipatória, ou seja, que a Educação Física, através dos seus saberes: jogos, métodos ginásticos, esportes, lutas e outros, contribuam para o “desenvolvimento de determinadas competências que não se resumem na competência objetiva do ‘saber fazer’, mas incluem a competência social, lingüística e criativa, (...) de forma crítica” (p. 16). Para isso, deve-se promover a capacidade do aluno saber questionar, embora isso seja extremamente difícil no mundo em que vivemos.

Por fim, apresentamos Taffarel (1985), que desde os anos 1980 defendia que a tarefa importante aos profissionais em Educação Física é demonstrar a relevância da Educação Física para a formação integral da pessoa através da prática e do desenvolvimento de estudos sérios. E nós encaramos esse desafio, pois entendemos que sua relevância se dá pela atuação do professor, atuação essa que dará margem à representação social do BOM professor de Educação Física.

4- OS CAMINHOS DA PESQUISA: A METODOLOGIA

A pesquisa em questão possuiu um caráter qualitativo, uma vez que, segundo Bogdan & Biklen (1994), trata-se de um estudo que tem como fonte de dados o ambiente natural e sua investigação é descritiva.

Fundamentamo-nos em estudos bibliográficos a respeito do que é ser um BOM professor e, especialmente, o BOM professor de Educação Física.

Na fase exploratória da pesquisa, realizamos um estudo piloto³ em uma escola pública estadual no município de Cachoeiro de Itapemirim, estado do Espírito Santo. Tivemos como recorte três sujeitos de pesquisa, sendo eles: um diretor, uma professora de português e uma de matemática.

Após o estudo piloto, para a realização da pesquisa em si e seus desdobramentos, o campo escolhido foram três escolas públicas municipais da referida cidade. A amostra foi escolhida mediante sorteio no universo de 30 escolas.

O critério de inclusão se deu ao fato de residirmos nessa cidade, além dela ser considerada o principal pólo de desenvolvimento do Sul do Estado do Espírito Santo, sendo responsável indiretamente pelo desenvolvimento de mais de vinte municípios adjacentes e ser possuidora de um Escola de Educação Física formadora de aproximadamente 90 professores por ano desde 2004.

Acreditamos que o desenvolvimento desse estudo na cidade propiciou o fortalecimento da perspectiva e dos anseios desses novos profissionais.

Tivemos como sujeitos da pesquisa 24 indivíduos pertencentes à comunidade escolar, sendo eles: 06 pedagogos, 06 professores de outras disciplinas, 06 pais de alunos e 06 alunos da 8ª série do Ensino Fundamental. A série escolar escolhida desses últimos se deve ao fato de os alunos já estarem em contato com professores de Educação Física há, pelo menos, 07 anos, e, por isso, já possuem uma representação social consolidada.

Uma vez realizados tais procedimentos metodológicos, os resultados foram analisados tendo como Teoria a Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (1977) e as Representações Sociais (JODELET, 2001 e MOSCOVICI, 1978, 2001 e 2003).

³ O estudo piloto será descrito no próximo capítulo, assim como suas contribuições para a pesquisa.

4.1- As entrevistas

Para a realização das entrevistas, fomos às escolas munidas de uma carta para os pais (Anexo III). Lá, recorremos aos pedagogos que, gentilmente, indicaram-nos eles próprios, outros professores, pais, mães, alunos e alunos que pudessem contribuir com a pesquisa.

Os pedagogos foram entrevistados durante seu período de trabalho. Diversas vezes, tivemos que esperar o atendimento de alunos e pais já previamente agendados e algumas “emergências escolares” para que pudéssemos realizar nossa entrevista.

Os professores de duas escolas foram entrevistados durante o horário do recreio e de uma delas, após a uma reunião de planejamento.

Em relação aos pais, após o primeiro contato com as escolas, enviamos um bilhete (Anexo IV) para eles, solicitando sua presença na escola. Transformamos a carta que havíamos feito nesse bilhete porque uma pedagoga nos disse que a carta estava muito complicada para os pais dos alunos. Essa mesma pedagoga nos disse que os bilhetes devem curtos e diretos para os pais, assim, eles comparecem às escolas.

Quando alguns pais chegaram na escola nos dias e horários marcados, detalhamos os procedimentos da pesquisa e todos os pais presentes concordaram em dar a entrevista e autorizaram seus filhos a fazerem o mesmo.

As entrevistas foram individuais, fazendo com que um pai ou mãe esperasse a entrevista do outro terminar para que pudesse ser iniciada a sua. Antes de cada entrevista, todos os sujeitos assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Anexo V), autorizando a gravação e a descrição das falas. Em relação aos alunos, pelo fato de serem menores de idade, a autorização foi dada pelos pais e/ou responsáveis.

Vale ressaltarmos que muitas foram as dificuldades enfrentadas para a realização dessas entrevistas. Entrevistamos duas mães que compareceram à escola, mas suas filhas não queriam dar a entrevista, acreditamos que seja pelo excesso de timidez que pudemos detectar nelas. Com muito esforço, conseguimos que ambas concordassem em participar.

Por outro lado, muitos alunos gostariam de serem entrevistados, acreditando que aquele momento fosse um marco em suas vidas. No entanto, não poderíamos realizar as entrevistas, uma vez que seus pais não compareceram às escolas e os alunos não

poderiam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido já que eram menores de idade.

Muitos pais foram convocados, mas não compareceram às escolas para que pudessem participar como sujeitos ativos da pesquisa. Para sanar tal questão, fomos à secretaria escolar e pegamos o endereço dos alunos. Após os horários das aulas, acompanhávamos um aluno e, assim, conseguimos uma entrevista por dia, entrevistando mães em sua própria residência. Após a entrevista com as mães (também uma tia e um pai), passávamos a entrevistar os alunos.

Alguns alunos também não quiseram ser entrevistados, alegando que só o fariam se recebessem por isso. Nessa hora, identificamos, na prática, uma das dificuldades de construir pesquisas desse tipo, de se fazer ciência em nosso país.

Tais entrevistas foram realizadas durante os meses de novembro e dezembro do ano de 2006. As mesmas iniciaram a partir da pergunta: quais são as características que o professor de Educação Física deve ter para ser considerado um BOM professor? De acordo com cada resposta do(a) entrevistado(a), foram feitas outras perguntas como desdobramento da resposta dada. Todas as entrevistas foram gravadas para facilitar a transcrição *a posteriori*.

4.2- A Análise de Conteúdo

As entrevistas foram analisadas tendo como teoria a análise de conteúdo. Para Bardin, (1977, p. 31), a análise de conteúdo (AC) é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

O objeto da AC é a linguagem. Ela procura conhecer o que está por trás das palavras que são ditas pelos indivíduos na medida em que as representações sociais são elaboradas e transmitidas via mensagens, discursos e enunciados.

O ponto de partida para compreendermos a AC é a mensagem seja verbal, gestual, figurativa, documentada ou diretamente provocada.

Bardin (1977) trabalha a AC a partir de três fases: pré-análise, exploração, tratamento e interpretação. A pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Esta fase tem por objetivo a organização do material que está sendo trabalhado e corresponde a “um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. (ibid., p. 89)

Na pré-análise, realizamos a leitura flutuante ou primeira leitura, estabelecida como “leitura intuitiva, muito aberta a todas as idéias, reflexões, hipóteses, numa espécie de *brain-storming* individual” (ibid., p. 69). Nessa fase, observamos também todos os dados integralmente com o intuito de conhecê-los e refletir acerca do material obtido. Segundo Bardin (ibid., p. 90), essa fase consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”.

Ressaltamos que a exploração do material ocorreu antes da análise propriamente dita. Nessa fase, as entrevistas gravadas constaram transcritas na íntegra.

O tema BOM professor de Educação Física foi a unidade de registro escolhida uma vez que desejamos identificar a representação social desse professor pela comunidade escolar em Cachoeiro de Itapemirim, ES.

Acreditamos que esse pensamento esteja em consonância com Bardin (1977, p. 99) ao afirmar que

o tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas (não directivas ou mais estruturadas) individuais ou de grupo, (...) as reuniões de grupos, (...) podem ser, e são freqüentemente, analisados tendo o tema por base.

Dessa forma, a utilização do tema também se justifica em virtude da abordagem e dos instrumentos metodológicos utilizados neste estudo.

“Fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (BARDIN, 1977, p. 99). Após a descoberta desses núcleos de sentido, fizemos o agrupamento dos dados presentes em categorias.

As categorias foram classificadas em relação à representação negativa e positiva e do ideal do BOM professor. Para Bardin (op. cit., p. 112) “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles”.

Dessa forma, acreditamos que a análise temática dos instrumentos utilizados na coleta de dados foi pertinente, uma vez que os resultados foram tratados, codificados e em seguida, categorizados.

Para Holsti *apud* Bardin (1977, p. 97), “a codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo”.

A partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material (no nosso caso, a transcrição das entrevistas), Bardin (1977, p. 112-113) afirma que a AC deve “produzir um sistema de categorias. A categorização tem como primeiro objectivo (...) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

Mais adiante, a autora complementa:

se nos servimos da análise temática – quer dizer, da contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada – apercebemo-nos de que se torna fácil escolhermos, neste discurso, a frase (limitada por dois sinais de pontuação) como unidade de codificação (ibidem, p. 73)

Assim, podemos concluir que as frases ditas pelos entrevistados revelaram a representação que os sujeitos têm construída acerca do BOM professor de Educação Física.

5- AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO PILOTO

No estudo piloto, objetivamos vivenciar a prática da pesquisa, testando caminhos e possibilidades para o estudo posterior que é a dissertação em si.

A construção do objeto de pesquisa, para o estudo em questão, levou em consideração as afirmações de Sá (1998, p. 14), que menciona que esse objeto, “conquanto construído basicamente a partir do fenômeno a ser estudado, não constitui uma réplica do fenômeno, mas uma aproximação ditada pelas possibilidades e limitações da pesquisa científica”. Nesse sentido, realizamos o estudo do fenômeno acerca das Representações Sociais (RS) do BOM professor de Educação Física e tivemos a oportunidade de verificar as limitações de nossa pesquisa.

A pesquisa ora apresentada possui um caráter qualitativo, uma vez que a fonte direta dos dados é o ambiente natural e a investigação é descritiva. Fundamentamo-nos em estudos bibliográficos a respeito do que é ser um BOM professor e, mais especificamente, de Educação Física.

Para a viabilização do estudo piloto, tivemos como recorte a utilização de três sujeitos.

O campo escolhido para o estudo piloto foi uma escola estadual no município de Cachoeiro de Itapemirim, estado do Espírito Santo. Assim como no desdobramento da pesquisa, o critério de inclusão se deu ao fato de nós residirmos na referida cidade, além dela ser considerada o principal pólo de desenvolvimento social do Sul do Estado do Espírito Santo, sendo responsável indiretamente pelo desenvolvimento de mais de vinte municípios adjacentes e ser possuidora de um Escola de Educação Física formadora de aproximadamente 90 professores por ano desde 2004.

Compreendemos que mediante os motivos expostos, foi possível realizar uma pesquisa somente nesse município. Além disso, a escolha do local do estudo piloto foi proposital e arbitrária. Escolhemos uma escola pública porque acreditamos ser justamente nesse espaço de construção social que grande parte das crianças e adolescentes da cidade de Cachoeiro de Itapemirim anseia por aspirações sociais para uma nova forma de ser e viver.

Também levamos em consideração que muitas pessoas concebem a escola

pública como sendo o local onde os professores podem “fazer o que quiserem”, uma vez que não serão demitidos a não ser em casos extremos.

A escola utilizada para fins deste estudo é uma das maiores instituições de ensino público na cidade, tendo como seus ex-alunos personagens ilustres, tais como autoridades locais e nacionais, bem como artistas internacionais.

Como sujeitos entrevistados, tivemos três profissionais da comunidade escolar: o diretor (que é professor de Educação Física), e dois professores (um de português e um de matemática). Em relação ao diretor, sua formação acadêmica foi mera coincidência. Porém, a escolha dos demais foi proposital. Instigávamos em saber qual a RS de professores formados em outras licenciaturas que não fossem em Educação Física. Procuramos realizar a pesquisa com professores que ministravam disciplinas com a maior carga horária dentro da matriz curricular.

Uma vez que o estudo piloto é utilizado para testar possibilidades (como já afirmamos), neste primeiro momento de pesquisa não entrevistamos os demais indivíduos participantes da comunidade escolar (pais e alunos).

Para realizar o estudo piloto, utilizamos as técnicas de investigação propostas por Abric (1994), seu método interrogativo (entrevista) e seu método associativo (associação livre).

O autor descreve assim seus métodos:

a entrevista em profundidade constitui um recurso indispensável ao estudo das RS. (...) É uma técnica que se traduz pela produção de um discurso que é uma atividade complexa, caracterizada por certos aspectos que tornam a análise difícil: uma vez que se trata da atividade de um sujeito locutor, usando uma língua natural, o discurso está sujeito às regras da enunciação.

.....
A ausência de domínios dessas regras prejudica a expressão livre e espontânea. (ABRIC, 1994, p. 1)

Para superar possíveis lacunas proporcionadas pela entrevista, o autor propõe que sejam feitos também métodos associativos. Aqui, utilizaremos um de seus métodos – a Associação Livre que consiste em,

a partir de uma ou mais palavras indutoras, pedir ao sujeito que as associe a todas as palavras ou expressões que lhe venham à cabeça.

.....
A característica de espontaneidade e a dimensão projetiva desse tipo de produção permitem chegar mais facilmente que na entrevista aos elementos que constituem o “universo semântico” do termo ou do objeto estudado,

favorecendo a emergência de elementos latentes que seriam ocultado ou mascarado nas produções discursivas. (ibidem, p. 3)

Uma vez realizados tais procedimentos metodológicos, os resultados foram analisados à luz das Representações Sociais (JODELET, 2001 e MOSCOVICI, 1978, 2001 e 2003).

5.1 – O caminho percorrido no Estudo-Piloto

Assim como na entrevista para a realização da pesquisa, muitos foram os “percalços” a serem enfrentados durante o estudo piloto. O primeiro deles foi a escolha da escola, dentre tantas opções. Acreditamos que a escolha foi certa, uma vez que definimos critérios para tal escolha.

Sendo definida a escola, entramos em contato com a secretaria para agendarmos uma entrevista. No dia marcado, havia uma festa e o diretor estava dançando com os alunos. Tivemos que esperar a dança para, então, falar com o diretor que nos atendeu com cordialidade.

Marcamos a entrevista para a próxima semana, quando chegamos lá, o diretor havia sido convocado para uma reunião de emergência na Superintendência Regional de Educação. Vimos ressaltar que esse episódio ocorreu por três vezes seguidas. Até que conseguimos a entrevista.

No início dessa, verificamos que o diretor não era pedagogo e, sim, professor de Educação Física. Ficamos um pouco (ou muito?) decepcionadas, pois não queríamos ouvir o professor de Educação Física. Queríamos ouvir um pedagogo que não havia passado pelos bancos universitários pelo curso de Educação Física. Afinal, queríamos verificar a representação social do BOM professor de Educação Física por outro membro da comunidade escolar. No entanto, como era necessário aquele momento da entrevista e, tratava-se de um estudo piloto, continuamos a entrevista.

Terminada sua entrevista, comunicamos ao diretor que nosso objetivo era entrevistar um professor de português e um de matemática tendo em vista em que em nossa concepção, essas disciplinas são consolidadas como “as mais importantes da escola” por muitos elementos da comunidade escolar.

O diretor solicitou à coordenadora de ensino (que era professora de português)

para que a mesma colaborasse com o estudo. A entrevista foi marcada para o dia seguinte e, entre um bilhete e outro, atendimento a telefone e a alunos, a entrevista foi dada. Ressaltamos que a entrevista foi realizada, no início, na sala dos professores e depois no banheiro que havia nessa sala. Nesse banheiro, havia dois boxes e um corredor. Realizamos a entrevista nesse corredor.

Com a professora de matemática foi ainda mais difícil. No início, ela não queria colaborar com a pesquisa, dizendo que não sabia se iria falar o que nós gostaríamos de ouvir. Após conseguir convencê-la de que nós gostaríamos de ouvir o que ela pensa e não o que pensamos, a entrevista foi marcada para daí a dois dias na hora do recreio.

No horário da entrevista, a professora chegou atrasada e disse que não tinha muito tempo para nós, uma vez que estava dando recuperação paralela. Novamente, a entrevista foi realizada dentro do banheiro, com professores passando o tempo todo, olhando-nos com curiosidade e ainda, tendo o barulho da descarga dada pelos outros professores nos atrapalhando na hora da entrevista e o barulho das crianças correndo e conversando pelos corredores, afinal era o horário do recreio. Sentimos a dificuldade que esse barulho nos deu na hora da transcrição das entrevistas.

A hora da transcrição foi a mais marcante. Ouvimos diversas vezes a mesma fita para sermos fiéis à pesquisa e, mais ainda, aos colaboradores dela. Não podíamos deixar de registrar as pausas, as repetições de termos, as ênfases dadas a cada resposta. Foi um trabalho exaustivo, e, ao mesmo tempo, instigante. Foram dias de dedicação a essa etapa da pesquisa. O resultado poderá ser verificado pelo leitor.

5.2 – Análise e Discussão dos Resultados do Estudo-Piloto

Conforme antecipado na introdução, este estudo objetivou investigar as Representações Sociais sobre o BOM professor de Educação Física pela comunidade escolar.

Tivemos a entrevista do tipo semi-estruturada como uma das técnicas de investigação. Entrevistamos três sujeitos da comunidade escolar abordando temas considerados significativos no que diz respeito à concepção do BOM professor de Educação Física.

Realizamos o estudo durante o mês de novembro de 2005. As entrevistas foram gravadas em fita cassete com o consentimento por escrito dos entrevistados (mesmo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido utilizado na pesquisa).

A unidade de análise considerada foi em relação à pergunta: “Indique um BOM professor de Educação Física. Por que você indicou esse professor?”

Ressaltamos que não nos reportamos aos entrevistados diretamente à unidade de análise propriamente dita. Iniciamos a entrevista com um roteiro (Anexo VI) contextualizando as aulas de Educação Física e a concepção dos entrevistados em relação a elas, seus conteúdos, espaços destinados, fazeres, dentre outros, para então analisarmos a RS desse educador em relação ao BOM professor de Educação Física.

Após a entrevista e a transcrição das falas, conseguimos identificar alguns traços do perfil indicados pelos sujeitos acerca de nosso objeto de estudo.

O sujeito 1 graduou-se em 1966. Atuou como professor durante 32 anos e desde 1994, atua como diretor escolar. Sua fala é mansa e, ao mesmo tempo, rígida. Orgulha-se dos tempos passados no quartel, época em que serviu ao exército.

Ele definiu que o BOM professor de Educação Física é aquele que “corresponde às expectativas”. No entanto, suas expectativas são de um professor que trabalhe com treinamentos como veremos adiante. O mesmo afirmou que não tinha muito tempo para observar as aulas, embora, quando tinha, o que observava eram os treinamentos que a professora de sua escola dava. Além disso, acreditamos que ele possuía uma visão de que ele foi um BOM professor de Educação Física e que o BOM professor de hoje deva ter algumas características que ele possui. Tivemos tal concepção, pois assim falou o diretor:

Dentro da minha escola eu tenho, eu tenho uma boa professora. A Fulana de Tal⁴ é uma boa professora. A Fulana foi minha aluna. Mais ou menos, ela... ela... trabalha no meu... no... no... no meu ritmo, né? E... acho que ela... nas minhas... nos... no meu pouco tempo de estar olhando as aulas de EF, mas eu olho, principalmente os treinamentos, eu acho que a Fulana é uma professora que... realmente, ela corresponde às expectativas.

Como a pergunta feita solicitava o porquê de a “fulana” ser considerada uma BOA professora de Educação Física, verificamos que o entrevistado não respondeu

⁴ Optamos, aqui, por ocultar o nome da professora citada, substituindo seu nome por Fulana de Tal (quando foi mencionado seu nome e sobrenome) ou simplesmente, Fulana (quando mencionado somente o nome).

diretamente ao que foi perguntado. Segundo suas afirmações, concluímos que sua concepção do BOM professor de Educação Física é marcada pelo tecnicismo, pela aptidão física. Sua fala é conservadora, principalmente em relação aos limites. Mais adiante, o entrevistado completou:

Eu acho que a Educação Física... o **esporte**⁵ em si... né? **Quando a gente fala em Educação Física, nós estamos falando em esporte.** A Educação Física escolar, ela passou de ter aqueles métodos, né? E passou... e passamos, hoje a ter... a... **iniciação esportiva** para depois chegar na **prática esportiva**, né? E... o **esporte**, ele é o maior veículo de educação dos jovens. É ali que você adquire, vou repetir, né? É **ali** que você adquire seus **limites**. Porque o jovem quando está participando de um **esporte**, ele tem alguém que tá ali **comandando** ele, né? Que pode ser o **professor** de EF, que pode ser o **instrutor** de EF, que pode ser um **árbitro**, né? Que está ali marcando a atividade, marcando o jogo que ele está praticando. Então, ali, aquela pessoa, ali, aquela pessoa... ela é praticamente sozinha, né? Ela fica sozinha dando aula de EF **contra**... se for no futebol, no mínimo 22. Se for no basquete, no mínimo 10. Se for no voleibol, no mínimo ssss, é 12. Por que que a gente fala no mínimo? Porque, você no jogo de voleibol, você faz várias substituições. No jogo de futebol também, no jogo de basquete também. **E ela comanda aquilo tudo e ninguém... reclama.** Se ela achou que o aluno pegou uma bola de basquete e deu um passo a mais, ela marca e... o menino... eh... eh... ele... atende plenamente. **Às vezes, até ele não compreende, mas ele atende e ele tem que respeitar porque se ele não respeitar, ele não fica ali.** Por isso que eu digo: o *limite*⁶ hoje na juventude está dentro do esporte. Se as autoridades se preocupassem *mais* com o esporte em geral, mais com a educação, nós teríamos resolvido mais ou menos 60, 70% dos problemas que a sociedade hoje enfrenta.

Nesse momento, o entrevistado comparou o professor de Educação Física a um instrutor ou árbitro, o que para nós é uma negação de seu fazer pedagógico. Entendemos que cada um deles tem um fazer diferente e não exercem a mesma função. Para nós, o instrutor é uma espécie de repetidor, que trabalha na concepção behaviorista e o árbitro é o elemento punitivo-organizacional. Entendemos que tais funções diferem da função do professor de Educação Física que é, antes de tudo, um educador.

A representação do entrevistado se remeteu à esportivização da Educação Física. Além disso, ele disse a palavra “contra”. Acreditamos que não seja de modo pejorativo. O professor exerce uma função diferente do aluno na escola e, por isso, está do “outro lado”, ou seja, “contra”.

⁵ Colocamos em negrito as palavras que classificamos como idéias-chave da RS dos entrevistados em todo o estudo piloto.

⁶ Optamos em destacar em itálico as palavras e/ou expressões faladas com maior ênfase pelos entrevistados. Percebemos que, inclusive, nessa hora, os sujeitos até mudavam a entonação da voz.

Sua visão de Educação Física como esporte foi clara, pois ele afirmou: “Quando a gente fala em Educação Física, nós estamos falando em esporte”.

Podemos inferir que o entrevistado tem a representação de Educação Física/esporte como compensatória, pois, para ele, “o *limite* hoje na juventude está dentro do esporte”. A representação do esporte como panacéia é percebida quando ele diz que “se as autoridades se preocupassem *mais* com o esporte em geral, mais com a educação, nós teríamos resolvido mais ou menos 60, 70% dos problemas que a sociedade hoje enfrenta”. Também encontramos essa representação quando ele diz que “o esporte, ele é o maior veículo de educação dos jovens. É ali que você adquire, vou repetir, né? É ali que você adquire seus limites”. Ele, inclusive, repetiu a idéia para enfatizá-la.

Percebemos ainda, que a fala do entrevistado foi fundamentada no Decreto 69.450/71 (Anexo I), principalmente em seu artigo 1º:

A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação.

O sujeito 2 é uma professora de português. Graduou-se em 1986. Atuou como professora durante 24 anos. Há dois atua na coordenação. Na entrevista com a professora e com a mesma pergunta, ela respondeu que:

Eh... o ser humano tem defeitos e qualidades então eu posso achar aqui um excelente no **controle** de seus alunos, na **freqüência**, na **marcação**, no **destaque**, na **responsabilidade**, mas em compensação ele falta mais que o aluno. Eu, na verdade, não gostaria de citar nenhum nome não. Eu vou te dar um perfil de um professor bom de EF. Seria aquele que *além* de **cobrar as regras dos alunos, ele cumprisse as regras**. Eu acho que aí está a base de tudo, porque às vezes o professor cobra muito mas não dá nem a metade daquilo que ele cobra. Então, pra mim, esse seria a base da história: ele não só cobrar, mas ele dar também. E o segundo seria... um professor **capaz de variar**. Ah! Vou dar vôlei, e dá um bimestre inteiro de vôlei, mas ele não é bom, ele é péssimo em vôlei. Então, às vezes, o professor se prende nesse, nessa, nessa determinada.... modalidade esportiva e o resto fica pra trás. Eu tenho professor *ótimo* que eu acho *maravilhoso* que dá atletismo. Ele é ótimo pra atletismo, mas pára no atletismo. Eu tenho professora que é maravilhosa no esporte, mas pára no jogo e não dá o atletismo. Então, o perfil de um excelente professor de EF para mim seria **o que dá opções, que dá variedades durante o ano esportivo**. (Grifo nosso).

Quando a entrevistada afirmou que o BOM professor de Educação Física seria aquele que além de cobrar as regras dos alunos, também as cumprisse, permite-nos

inferir que o professor deve ser o modelo, o espelho para ser seguido pelos alunos. Também está presente a idéia do professor disciplinador, aquele que dá, cumpre e cobra as regras.

Acreditamos que a professora estava muito mais preocupada com o aspecto organizacional da escola do que da aula em si. Vale ressaltar que a referida professora está afastada da sala de aula, exercendo a função de coordenadora de ensino. Por isso, um professor que não é assíduo ou pontual gera dificuldades para o fazer diário do coordenador. O mesmo acontece com um professor que não é disciplinador, pois, assim, permite um aluno ser indisciplinado em suas aulas.

Para nós, sua fala apresentou uma contradição, pois entendemos que um professor que é excelente na frequência, no destaque e na responsabilidade não pode (e nem deve) faltar mais que o aluno. Como ela mesma afirmou, esse professor é responsável e a assiduidade foi um dos quesitos para um professor ser considerado como tal. Voltamos, aqui, à visão do BOM professor como profissional.

Ao abordar que o BOM professor “seria aquele capaz de variar”, a idéia da esportivização também esteve presente, pois a professora destacou como variações vôlei e atletismo. Além disso, sua fala nos fez inferir que os conteúdos da Educação Física se resumem em modalidades esportivas.

Sua representação do BOM professor de Educação Física foi categórica quando ele afirmou que “o perfil de um excelente professor de Educação Física para mim seria o que dá opções, que dá variedades durante o ano **esportivo**”. Não temos como negar que sua visão enalteceu a esportivização.

Novamente, o extinto Decreto 69.450/71, foi lembrado conforme consta em seu artigo 3º, item III, parágrafos 1º e 2º:

§ 1º A aptidão física constitui a preferência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino.

.....
 § 2º A partir da 5ª série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva.

O sujeito 3 foi uma professora de matemática. Graduou-se em 1985. Atuava como professora há aproximadamente 17 anos. Ao entrevistá-la, a mesma respondeu que:

Eu gosto muito dos professores de Educação Física daqui da escola. Eu gosto muito da Fulana⁷, né? Eh... porque assim... eu vejo... o jeito que... que ela trabalha com os alunos e... o interesse que ela tem em ... e... no desenvolvimento do aluno que ela tem. Eh... uma professora... muito aplicada porque... eu acho assim... pra ser professor de qualquer conteúdo, tem que ser **dedicado**, né? A gente tem que **se dedicar muito e se aprofundar no que a gente faz, sempre procurar coisas novas**, né? **A gente procurar ser bom**, né? **O melhor**, né?

A representação do BOM professor de Educação Física para a entrevistada foi aquele dedicado, que se interessa pelo desenvolvimento do aluno e inovador. Tais características assemelham-se a todo e qualquer educador independente de seu componente curricular.

Procurando reconhecer a RS da entrevistada, reportamo-nos a sua fala quando perguntamos “por que você acredita que a Educação Física é importante na escola?”. Ela assim respondeu:

Porque... é uma forma... eu acho assim: o aluno começa, né? Eeeh... tem... português, tem matemática, às vezes ele fica assim... até estressado, né? De só... É uma forma de distrair o aluno, de... de... de... liberar o alun... de liberar energias, né? Porque Ele está lá, tá gastando energias, né? É uma forma de acalmar o aluno, de... disso que eu falei. De... fazer o aluno, né? Se integrar num grupo, né? Até socializar o aluno, certo? Além da coordenação motora, que eu acho que é muito importante que ele adquira com... com a aula de EF.

Após analisar o conteúdo de sua resposta, compreendemos que, para ela, a representação da Educação Física passa pela catarse. Mais uma vez a idéia da Educação Física compensatória se faz presente onde o BOM professor de Educação Física é aquele que proporciona lazer e distração.

Como defendemos que para que o aluno se distraia não é necessário que haja o professor nem aula de Educação Física, indagamos à entrevistada quais seriam os conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Sua resposta foi:

Olha, eu acho assim... que deveria... trabalhar desde a parte de... cultura, né? Eh... eh... aqueles jogos... aqueles ... que tinham antigamente, né? Desde de... tudo, eh... cantigas de roda, eu acho que... qualquer jogo, né? Eu... eu... acho válido. Além, claro, de vôlei, de... de basquete, de futebol... Você sabe o que que é cantigas de roda? (nesse momento respondo, falo: então seria cultura popular e jogos?). Eu acho. Porque aí já mostraria, já dava ... noção aos alunos o que seria cultura popular, né? E os jogos que... (ela não completou)

⁷ A professora citada é a mesma pelo professor 1.

Mesmo afirmando que a cultura popular é um dos conteúdos da Educação Física, a visão esportivista também esteve presente em sua fala. Defendemos que a cultura popular seja conteúdo de toda e qualquer disciplina, não somente da Educação Física.

Procurando ilustrar as características e conseqüentes representações do BOM professor de Educação Física, destacamos o seguinte quadro:

Traços	TOTAL
Corresponder às expectativas	01
Controlar seus alunos	01
Ter freqüência / ser assíduo	01
Marcar regras esportivas	01
Destacar-se como professor	01
Ter responsabilidade	01
Cobrar as regras dos alunos	01
Cumprir as regras	01
Possuir capacidade de variar	02
Interessar-se no desenvolvimento do aluno	01
Ser aplicado	01
Ser dedicado	01
TOTAL	13

Quadro 02. Perfil do BOM professor de Educação Física (entrevista do estudo piloto)

Procuramos aglutinar as características elencadas pelos entrevistados de acordo com a similaridade de cada uma delas. Assim, obtivemos o quadro ora apresentado.

Após as entrevistas, em outro momento, foi aplicada a já mencionada técnica da associação livre. Demos como expressão indutora “BOM professor de Educação Física” e solicitamos 15 palavras que “lhe viessem em mente”. Obtivemos os seguintes resultados:

Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3
Bem habilitado	Disciplina	Criativo
Tédio	Organização	Competente
Bem preparado	Envolvimento	Saber jogar
Aula planejada	Comprometimento	Bom de dança
Cumprimento de horário	Espaço	Não influencia características físicas
Antecedentes como homem e profissional	Vontade	Incentivador
Conhecedor da Educação Física escolar	Planejamento	Rígido
Uniforme	Trabalho em grupo	Espelho para os alunos
Não boleiro	Organização *	
Conhecer a técnica da	Disponibilidade	---

Educação Física		
Limites	incentivo	---
Coordenação	---	---
Poderes	---	---
Liderança	---	---

Quadro 03. Técnica de Associação Livre. Chamada: bom professor de Educação Física

* A professora repetiu a palavra dita anteriormente.

Conseguimos identificar 32 atributos de um BOM professor de Educação Física. Percebemos que não houve alterações significativas em relação aos dados colhidos nas entrevistas realizadas anteriormente.

Observando tais atributos, verificamos que a concepção de Educação Física dos sujeitos entrevistados se remete, assim como na entrevista, à Educação Física esportivizada com ênfase na técnica e no rendimento físico.

Concluimos que este estudo contribuiu para nossa pesquisa no sentido de verificarmos que é possível analisarmos a RS do BOM professor de Educação Física somente com a técnica da entrevista.

Percebemos, também, que necessitamos entrevistar alunos e pais além de professores e pedagogos (no caso do estudo piloto foi o diretor/ex-professor de Educação Física). Todos esses fazem parte da comunidade escolar e a representação do BOM professor de Educação Física se construirá quando ouvirmos a todos estes sujeitos pertencentes a essa comunidade.

O estudo piloto ainda contribuiu no sentido de verificarmos as dificuldades em se fazer uma pesquisa de campo, quando, nem sempre, nossos entrevistados podem nos atender para a realização da pesquisa. Quantas horas em espera sem conseguir realizar a tão sonhada entrevista.

A oportunidade de coletar os dados da pesquisa *in loco* também nos proporcionou a experiência de vivenciarmos as dificuldades já apresentadas, a tentativa de superação e a verificação do planejamento da pesquisa em si.

6- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS DAS PEDAGOGAS E DOS PROFESSORES

Após as contribuições do estudo piloto, apresentamos os dados coletados na pesquisa propriamente dita. Sendo assim, abordamos, neste capítulo, a análise dos dados referentes aos pedagogos e aos professores entrevistados.

Optamos em dividir a análise dos dados da comunidade escolar em dois capítulos. Neste, abordaremos e analisaremos os dados referentes aos pedagogos e aos professores entrevistados. No próximo, dos pais e alunos. Percebemos que, desta forma, fazemos uma divisão didática da pesquisa a fim de compreender melhor a fala de cada sujeito, visto que, para nós, os pedagogos e os professores são sujeitos atuante-permanentes na escola enquanto os pais e alunos são sujeitos atuante-provisórios da escola.

Entendemos que temos duas variáveis neste momento do estudo: a primeira é o contexto da concepção de professor de Educação Física por parte dos sujeitos envolvidos, uma vez que todos já possuem uma graduação e estão inseridos no mesmo contexto escolar que o professor de Educação Física e a segunda são os sujeitos em sua constituição como indivíduo.

Uma vez que as falas se remetem várias vezes à aula de Educação Física (objeto) e ao BOM professor de Educação Física (sujeito), fizemos a transcrição da fala dos entrevistados e também dispusemos fragmentos dessas falas separando em categorias: representação positiva, representação negativa, ideal: representação do BOM professor de Educação Física.

Vale ressaltar que essa divisão foi feita com base em nossa interpretação quando analisamos a fala de cada um dos sujeitos. Em relação às representações positiva e negativa, dispusemos as falas tanto em relação à aula de Educação Física quanto ao professor. Já na representação do BOM professor, como nosso foco são as representações do BOM professor de Educação Física, cada item mencionado refere-se somente ao professor.

Nossa intenção em fazer tal separação foi nortear o leitor confirmando a não dissociação do sujeito professor com a área de Educação Física pelos entrevistados e

demonstrar que esse vínculo faz com que o indivíduo (professor de Educação Física) seja confundido com o coletivo (área de Educação Física).

6.1- A fala das pedagogas

Vale salientar que foram entrevistadas somente pedagogas. Nesse caso, não foi proposital. Quando chegamos às escolas para a realização das entrevistas, não encontramos pedagogos, somente pedagogas lotadas nas referidas escolas. Vamos, então, aos dados.

A pedagoga Swellen⁸ graduou-se em 1987 e trabalhava há 17 anos na função. Em relação à pergunta-chave, ela respondeu que:

Tá. Eh, eu penso que a área de Educação Física, ao longo da história, a gente tem que tá tentando desmitificar eh... alguns rótulos que, que cabe dentro da área da Educação Física, por que? Você, principalmente quando se trata, eu sou pedagoga de 1ª a 4ª, então a gente percebe que o professor tem que ter, tem que ser di... **dinâmico**, tem que ser uma pessoa que *goste* realmente, que tenha *prazer*, de que tenha *vocação* principalmente no que faz, porque hoje você percebe que a área de Educação Física, eh..., **tem uma bola, joga a bola e as crianças correm atrás da bola**. Então, ao longo da história, a gente tem essa concepção, nós pedagogos, estamos trabalhando pra quê? Pra que desmistifique isso, porque você pode perceber que a maioria das pessoas fala: **a área de Educação Física não dá aula**. Penso que: tem que ser uma área integrada com o núcleo comum como as demais disciplinas, né? Tem que estar fazendo um planejamento onde ele possa estar **atendendo de forma diversificada**, ele possa estar, principalmente, eh... sentando em **planejamento com as demais disciplinas**, que possa estar eh... **interagindo** e até **trabalhando questões sociais, questões disciplinar** e não apenas dentro do contexto da área de Educação Física especificamente, né? Porque a gente percebe que quando não tem esse planejamento integrado eh... a escola não... não tem a mesma linguagem. Então, o que que nós pedagogos lutamos dentro da área de Educação Física? Que haja esta **integração da área com as demais disciplinas**, né? E o momento de planejamento, a gente foca muito essa questão, de tá, tá, trabalhando estas questões de por exemplo, aluninhos de 1º ano, a questão da **lateralidade**... às vezes você percebe uma criança que ela não tem essa noção. Então, a gente sempre pede nas séries iniciais que trabalhe a questão da... até a questão da **coordenação motora** que possa estar **auxiliando até essa parte eh...educacional**, né? Que possa estar **assessorando de alguma forma com as demais disciplinas**. E a questão da **socialização**, né? Eh... eu percebo que o professor de Educação Física numa, numa visão agora, por exemplo o que nós temos atualmente, ele tem todo um trabalho voltado pra, pra **disciplina**. Quando eu falo disciplina, não é você manter o menino eh... quietinho, uma, em fila. Não é isso não. É a questão mesmo do social, que ele esteja tendo essa mesma visão do contexto, né, do

⁸ Todos os nomes utilizados (pedagogos, professores, pais e alunos) foram fictícios para preservar a identidade dos entrevistados. Substituímos os nomes reais pelos nomes dos membros de nossa família como uma forma de agradecimento por esses familiares entenderem nossa ausência (ou presença ausente com já afirmamos nos agradecimentos nas páginas pré-textuais) durante e para a realização da pesquisa.

educacional. Trabalhando regras, trabalhando a questão dos limites, trabalhando a questão eh... eh... no geral mesmo, né da questão da, da, da, as regras básicas da questão de você estar... de convivência até, de pode estar, inclusive auxiliando na parte pedagógica e principalmente que ele esteja eh... **trabalhando dentro do projeto político pedagógico**, que ele tenha essa, essa, amplitude, né, nesse aspecto.

Percebemos, em sua fala, que o professor tem que ter **vocação** para dar aulas. Segundo o dicionário Aurélio (VOCAÇÃO, 2001, p. 716), vocação é “*sf.* 1. Ato de chamar. 2. Escolha, predestinação. 3. Tendência, pendor. 4. *P. ext.* Talento, aptidão”.

Nesse sentido, concluímos que para a pedagoga entrevistada, o professor já está predestinado a sua profissão, ninguém aprende a ser professor. A pessoa já nasce com o dom que será aperfeiçoado nos bancos universitários. Sendo assim, muitas vezes, a ação do professor é comparada a um sacerdócio. Essa comparação sustenta-se no fato de a escola (assim como a igreja) ser um dos aparelhos ideológicos do Estado.

A concepção do magistério como vocação ou sacerdócio foi construída por razões político-religiosas conservadoras e autoritárias. Assim, o indivíduo que está à frente – seja o sacerdote ou o professor – é concebido como um espelho a ser seguido e, ao mesmo tempo, deve dedicar-se em tempo integral as suas atividades.

Mais adiante, a pedagoga afirmou que, durante a aula de Educação Física, “**tem uma bola, joga a bola e as crianças correm atrás da bola**”. Em nossa concepção, este momento não é de uma aula de Educação Física e, sim, de um recreio ampliado. Para que se jogue a bola e corra atrás dela, não é necessária a figura do professor interventor, propiciador, construtor e mediador de aprendizagem.

Quando a mesma ressaltou que “**maioria das pessoas fala: a área de Educação Física não dá aula**”, encontra-se, nesse fragmento, uma das mais marcantes representações sociais do professor de Educação Física: aquele que não dá aula. Essa resposta da nossa entrevistada apóia-se em uma representação social de aula em que a presença do livro, do quadro, da clássica distribuição geográfica do espaço de uma sala de aula – distribuição de carteiras e alunos por colunas e fileiras, são indicadores do que ela entendia como aula.

Percebemos ainda que tal entendimento comprometa, de certa forma, uma resposta em sintonia direta ao comando que fora dado por nós. Ressaltamos que a pedagoga confundiu o objeto (aula de Educação Física) com o sujeito (BOM professor). Isso fez com que suas respostas fossem vinculadas às aulas e não somente ao professor.

Com isso, perguntamos à entrevistada, qual seria a primeira característica a ser elencada para esse BOM professor de Educação Física. Ela respondeu:

Olha, o que me veio assim, que eu acho que seja primordial é que seja uma **pessoa aberta a... a... ao crescimento, ao diálogo**, né. Bem, como a educação, se você não estiver constantemente aberto a uma negociação, a flexibilidade principalmente porque todo planejamento, ele tem que ter flexibilidade, não se concebe mais educação eh... um planejamento que não seja flexível, ele tem que ser **flexível**.

Para nós, flexibilidade é uma característica do mundo moderno. Ela deve estar presente em toda e qualquer relação social. Continuamos a questionar a pedagoga perguntando “que palavra retrataria o BOM professor de Educação Física”. A pedagoga parou para pensar e respondeu:

Olha, eu vou falar, eu vou falar como se eu fosse uma criança porque eu sou pedagoga de 1ª a 4ª e eh... eu ... eu ouço muito as crianças e eu penso que a área de Educação Física ela é tão importante, tão importante que... **não se concebe mais uma, uma escola que não tenha o... o... o educador. Nunca pode sair da... do currículo. A Educação Física pra mim é vida, são regras básicas, DINAMISMO, o que me vem é isso. Pra mim, Educação Física é VIDA, é ALMA.**

Podemos inferir que, para a pedagoga, a disciplina Educação Física era fundamental na escola, já que ela mesma afirmou que “nunca pode sair do currículo”. Novamente, ela confundiu o objeto com o sujeito.

A seguir, o quadro comparativo de sua fala:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Swellen	Não se concebe mais uma escola que não tenha o educador. Nunca pode sair do currículo. A Educação Física é vida, são regras básicas, dinamismo. Educação Física é VIDA, é ALMA.	Tem uma bola, joga a bola e as crianças correm atrás da bola. A área de Educação Física não dá aula.	Dinâmico, goste do que faz, tenha prazer, vocação, atender de forma diversificada; planejar com as demais disciplinas, interagir, trabalhar questões sociais, disciplinares; integrar com as demais disciplinas, ensinar lateralidade, coordenação motora; auxiliar a parte educacional; assessorar de alguma forma as demais disciplinas, desenvolver a socialização, a disciplina, trabalhar dentro do projeto político

			pedagógico, ser uma pessoa aberta ao crescimento, ao diálogo, ser flexível.
--	--	--	---

Quadro 04. Descrição da fala da pedagoga Swellen. Fonte: entrevista.

A pedagoga Camila graduou-se em 1970 e trabalhava há 26 anos na função. Com a mesma questão, ela respondeu:

Eu acredito que em primeiro lugar, ele precisa **gostar de esporte**. (aqui, a entrevistada é enfática). Precisa gostar de esporte, eh... **se identificar com as práticas desportivas**.

Nesse momento, houve nossa intervenção solicitando outras características.

Outras características? Ah, sim, existem outras, sim. Deixe-me ver... eh... tem que ter uma **característica social** porque hoje o esporte, eu acredito que... o **esporte seja...** o **maior veículo** de , de contato mais fácil, **mais direto para se chegar ao jovem, ao adolescente**. Então, ele tem essa, esse cunho social também. E educativo também. Eu acho que através do esporte, nós consegui..., nós podemos conseguir muitas coisas. Podemos eh... atrair grande número de jovens e até eh... **mudar muitos comportamentos através do esporte**. Nós temos visto isso ao longo dos anos, de jovem, às vezes não se interessar pelo que se passa na sala de aula, não ter também uma boa conduta e através do esporte, passar a adquirir uma disciplina, a desenvolver interesse para as outras questões sem ser esportiva. Eu acho que o **esporte educa, o esporte disciplina...**

Eu acho que hoje, não só o professor de Educação Física, mas de qualquer disciplina, o professor precisa estar **conhecendo as questões da aprendizagem**, eu acho que ele precisa ser uma pessoa **estudiosa, organizada**, que nós não podemos dizer que é o professor de pedagogia, o professor pedagogo. Nós temos que ver que **antes dele ser o professor de Educação Física, ele é o professor**. E como tal ele precisa **estar a par das teorias de aprendizagem**, tem que ser **estudioso** porque **através desse conhecimento, ele vai chegar à área dele específica**. Então essa aí é uma característica importante. A outra seria a de ser uma pessoa assim... uma pessoa **alegre**. Eu acho que o professor de Educação Física tem que ser uma pessoa alegre, uma pessoa que passe uma **boa aparência, uma aparência saudável**, eh... eu acho que... que... uma pessoa... que tenha **muita liderança...**

Questionamos à pedagoga: pense em um bom professor de Educação Física. Qual é a primeira imagem que “lhe vem à cabeça?” A pedagoga respondeu: “alguém com uma bola, em posição de arrancada para uma corrida, (em tom de conclusão), um atleta”.

Nesse sentido, podemos concluir que a representação desta pedagoga do BOM professor de Educação Física era aquele que é um **atleta**.

Eis o quadro:

FUNÇÃO PEDAGOGO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Camila	O esporte educa, disciplina e muda muitos comportamentos.		Gostar de esporte, se identificar com as práticas esportivas, conhecer as questões de aprendizagem, ser estudioso, organizado, ser alegre, ter boa aparência, ser saudável, ter muita liderança.

Quadro 05. Descrição da fala da pedagoga Camila. Fonte: entrevista.

A pedagoga Bárbara graduou-se em 1989 e trabalhava há 06 anos na função e atualmente atua como diretora de escola.

Questionada sobre as características do BOM professor de Educação Física, a pedagoga respondeu:

Eh... digamos que.. **conhecimento, agilidade**, eu não sei porque, mas eu vejo o professor de Educação Física **ágil**, alguém que é assim... que está **sempre ativo** às situações da escola, alguém **presente** também na escola, que **acompanha os eventos**, que **acompanha os movimentos**... eh... também eu penso que é alguém assim.. que tenha **bastante entrosamento com os alunos**. Eu acho que o professor de Educação Física tem que se **relacionar bem com os alunos**, o professor tem que ter eh... como é que eu vou dizer? Eh... saber realmente **um bom domínio de sala, de turma**, ter um bom domínio de sua turma. (Fala em tom de resumo): ser **conhecedor, dominar bem, ter agilidade**, seriam as características principais.

Questionamos quais seriam os conteúdos a serem desenvolvidos na 8ª série. Acreditamos que os conteúdos estão relacionados às características desse BOM professor de Educação Física. Em relação aos conteúdos, a entrevistada respondeu:

Olha, eu acho que... como eu já disse anteriormente, o **conhecimento** é importante, certo? Então, o conteúdo programático: se ele vier pra cá sem, sem um **programa**, sem um **pré-programa**, ele não consegue dar uma boa aula. Então eu acho que realmente ele **tem que estar programado**, seu conteúdo tem que estar estipulado para a aula, para a semana, do semestre. Eu acho que tem ser em cima disso.
Eu acredito que os conteúdos principais seriam temas que envolvessem mais a juventude. Então, o que **que a juventude gosta**? Seriam os **esportes**, o **voleibol**, eh... o **basquetebol**, o **futebol de salão**, **handebol**. Eu acho que seria mais voltado pra essas atividades porque estaria **desenvolvendo o aluno como um todo**. Ele estaria vendo a **parte física, motora e disciplinar**. Eu acho que o **esporte também gera disciplina**. E nossos jovens estão precisando do esporte para a disciplina. Eu acredito que o

esporte tira do vício, eu acredito que o esporte contribui também para temas sociais. Então, eu acredito que seja mais para o lado dos esportes.

Em uma tentativa de confirmarmos a representação social do BOM professor de Educação Física, questionamos a primeira imagem desse professor. A pedagoga respondeu: ação. Sendo assim, podemos concluir que sua representação do BOM professor de Educação Física era ser **ágil**. Isso corroborou o início de sua fala.

Percebemos, novamente, que o esporte é visto como panacéia e o BOM professor de Educação Física está na escola para contribuir com a disciplina e livrar os alunos do vício. Preocupamo-nos quando a pedagoga afirmou que a juventude gosta dos esportes e o professor de Educação Física deve ensinar o esporte em suas aulas. Concordamos que o esporte é um dos conteúdos das aulas de Educação Física. No entanto, ele não deve ser ensinado somente porque a juventude gosta.

Apresentamos, a seguir, as características elencadas pela pedagoga.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Bárbara	O esporte gera disciplina, tira do vício, contribui para temas sociais.		Ter conhecimento, ser ágil, ativo, acompanhar os movimentos e os eventos da escola, relacionar-se bem com os alunos, ter bom domínio de sala, ter um programa para a aula, dar o que a juventude gosta, verificar a parte física, motora e disciplinar, ensina esportes.

Quadro 06. Descrição da fala da pedagoga Bárbara. Fonte: entrevista.

A pedagoga Lorena graduou-se em 1998 e trabalhava há 07 anos na função. Quando questionada sobre “quais as características que um professor de Educação Física deva ter para ser considerado um BOM professor”, a entrevistada foi enfática:

Bom, primeiramente, eu acho que o **professor tem que dar a aula dele mesmo.**, né? Porque... a gente tem visto **muito professor que não dá aula.** Ele... ele... tem **professor que joga a bola e os alunos é que fazem a aula dele** lá. Se é aula de **5ª série em diante, os meninos jogam uma peladinha e as meninas ficam sentadas eh... passando o tempo da aula. Ensino médio é pior ainda porque... acontece a mesma coisa: e as meninas para não se sujar, não suar, e não tem objetivo, não gosta de jogar futebol, peladinha, pelada né que eles falam? Fica mesmo por fora da aula de Educação Física.** E tem a ... agora, sim. **É muito raro encontrar um bom profissional, um bom educador físico na escola. A gente encontra o que joga a bola e o aluno se vira.** Aqui, nós temos uma **boa professora que ela trabalha a Educação Física, as modalidades esportivas, as... as... as regras, a própria disciplina, né que o esporte leva a ter,** ela trabalha. A gente vê que as aulas dela, **os alunos não assistem sem estarem**

uniformizados. Eh... não perde a aula dela, se é uma aula teórica, eles assistem. Se é um trabalho teórico, eles, eles fazem o trabalho. Eh... e a qualquer evento, torneio, interclasse, jogos municipais, os alunos participam com ela e muito bem. Mas é porque ela trabalha em cima dessa disciplina mesmo.

Mas assim, **a maioria do, do, do, dos... educadores físicos são esses que a aula deles é dar nada. Eles ganham dinheiro mole ali.** Engraçado que eu conheço muito educação fís... educador físico que ele **dá aula em academia e a academia ele é um... um exemplo, exímio e nas escolas, principalmente nas escolas públicas, tá? É assim... uma negação.**

Isso acontece porque o **sistema educacional brasileiro que já está errado, né? Principalmente o público porque há falta de pessoal para trabalhar na escola.** Você vê aqui, a fulana exerce a função de orientação pedagógica, mas a única pedagoga do turno da manhã sou eu. Deveria ter no mínimo duas. Pra quê? Pra gente fazer um planejamento com esses professores, pra gente poder acompanhar as aulas desses professores. Mas, infelizmente o **sistema educacional brasileiro já vem falhando, falha, falha, falha e aí quando chega nessas disciplinas afins e.. eh... você vê que é uma grande falha, principalmente na hora de... avaliação.** Eh... Você ouve falar muito, muito, **muitos, diretores...e assim... pessoas ... pessoas da superintendência por aí, falam que Educação Física não reprova. Não é uma disciplina eh... eh... obrigatória, né?** E no entanto, a gente não quer reprovar aluno, a gente quer que o aluno participe e se você, eles mesmos já falam isso: **Educação Física não reprova.** Então, eh... por que eh.. como fazer um bom trabalho em cima da disciplina se já vem lá de cima com essa cultura, entendeu? Educação Física é uma disciplina. **Pela LDB, ela é um componente curricular. Mas na prática mesmo, não adianta de nada a Educação Física.** Então, eu acho assim que também, **que prazer você tem de dar uma aula que o próprio sistema educacional não te ajuda também, né?** Então como você vai cobrar do professor também um bom planejamento, uma boa aula se ele tá cansado de ouvir também: ah, não fica preocupado, não. **Sua disciplina não, num, num, não conta muito não.** Agora é o seguinte: eu acho que os educadores físicos **estão muito mal preparados para assumir as escolas.** Eu já vi. Tem professor que encosta no portão, criança de 2ª série, você tem que ser bem direcionado mesmo, bem planejado mesmo, bem organizado mesmo, de deixar assim ó, na quadra, aqueles alunos assim, sem mais nem menos e você ficar olhando aquilo e você não poder fazer nada porque a aula é dele. É uma olha que tá fora assim... fora... fora das quatro paredes e eles adoram e saem assim igual não sei o que, né? Você quer dar um recado pra um aluno, você dê em outras aulas, na Educação Física, não. Quer conversar com uma turma, dê em outras aulas, na Educação Física, não. Mas, aí eis a questão: e o professor vai fazer o quê? Porque eles entendem assim: **é a hora deles fazerem o que bem entendem. Eles não têm** aquele... aquela... aquele... aquela **direção, aquela organização, aquela didática,** assim, que todo professor deveria ter. E isso é uma falha muito grande, né? Eu... assim... **conheci só DUAS professoras que “trabalhavam”.**

Uma vez que a pedagoga afirmou que o professor de Educação Física não tem didática, questionamos, então, qual a didática que todo professor de Educação Física deveria ter. A entrevistada respondeu:

Se ele **trabalhar as modalidades esportivas,** trabalhar a **coordenação** do aluno, se trabalhar aquilo pra **desenvolvimento do aluno, do corpo** do

aluno pra **ajudar na sala de aula JÁ TÁ DE BOM TAMANHO. MAS ELE NÃO FAZ.**

Mediante as inúmeras representações negativas a respeito do professor de Educação Física, questionamos qual era a primeira imagem de um BOM professor de Educação Física. Ela assim respondeu:

Minha professora de 1ª a 4ª porque ela dava aula. Ela tinha muito rigor, tradicional, sempre se mostrou uma boa professora de Educação Física, falava o que nós iríamos aprender. Eu sempre tive bons professores de Educação Física e eu sempre gostei de esportes. Mas, todas elas trabalharam como deveria ser trabalhado.

A partir de sua fala, podemos verificar que a pedagoga considerava que teve bons professores de Educação Física na época em que ela era aluna. No entanto, sua representação do BOM professor de Educação Física modificou-se a partir do momento que a mesma tornou-se profissional, na medida em que trabalhava com outros professores de Educação Física.

Mesmo apresentando tantas representações negativas em sua fala, podemos concluir que o BOM professor de Educação Física, para ela, era aquele que é **disciplinador**, pois ela afirmou que a professora fulana (de sua escola) é boa porque não aceita os alunos assistirem às aulas sem uniforme e ensina disciplina. Também sua professora de Educação Física, pois tinha muito rigor.

A seguir, as características elencadas pela pedagoga.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
PEDAGOGO	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Lorena	Alunos não perdem aula. Assistem às aulas teóricas e fazem os trabalhos teóricos.	Tem muito professor que não dá aula, joga a bola e os alunos é que fazem a aula dele. Os meninos jogam uma peladinha e as meninas ficam sentadas passando o tempo da aula. As meninas para não se sujar, não suar, e não tem objetivo, não gosta de jogar futebol, pelada, fica mesmo por fora da aula de Educação	Trabalha a Educação Física, as modalidades esportivas, as regras, a própria disciplina que o esporte leva a ter, não permitir que os alunos assistam às aulas sem estarem uniformizados. Ser disciplinador.

		<p>Física. É muito raro encontrar um bom profissional, um bom educador físico na escola. A gente encontra o que joga a bola e o aluno se vira. A maioria dos educadores físicos são esses que a aula deles é dar nada. Eles ganham dinheiro mole ali. Muitos diretores e pessoas da superintendência falam que Educação Física não reprova. Não é uma disciplina obrigatória. Pela LDB, ela é um componente curricular. Mas na prática mesmo, não adianta de nada a Educação Física. O próprio sistema educacional não te ajuda também. Os educadores físicos estão muito mal preparados para assumir as escolas. Os alunos entendem que é a hora deles fazerem o que quiserem. Os professores de Educação Física não têm direção, organização, didática.</p>	
--	--	---	--

Quadro 07. Descrição da fala da pedagoga Lorena. Fonte: entrevista.

A pedagoga Pyetra graduou-se em 2000. Trabalhava na área há quatro anos. Em relação às características do BOM professor de Educação Física, ela respondeu:

Generalizando, eu penso que um professor, sua principal característica é **gostar do que faz, respeitar os alunos**, e dentro da Educação Física, **respeitar as limitações que o aluno tem**. Se você for pensar em um aluno com limitação física, o professor tem que se adaptar uma aula para esse aluno. Se você for pensar numa limitação eh... de gosto, se o aluno gosta ou não de fazer aquele determinado esporte, o professor também tem que ter uma adaptação pra esse menino pra que ele não fique na aula ocioso ou sendo obrigado a fazer uma coisa que ele não gosta, que ele não vai ter prazer. Pra mim, Educação Física ou qualquer outra matéria de escola ou qualquer outra atividade da vida, o prazer em primeiro lugar.

Acreditamos que todo profissional, ao gostar do que faz, realiza suas tarefas com maior desempenho. O respeito ao próximo, mas especificamente aos alunos, no caso do professor, faz com que a relação seja harmoniosa. Limitações são restrições a todo e

qualquer indivíduo. Numa aula de Educação Física, as limitações devem ser respeitadas assim como nas demais aulas.

Em relação ao gosto, acreditamos que o professor de Educação Física não deva adaptar sua aula para agradar aos alunos. Isto não acontece nas demais disciplinas. Os professores traçam objetivos, competências e habilidades, conteúdos a serem aprendidos de acordo com a série e o diagnóstico feito no início das aulas. Defendemos que o aluno não deve fazer só o que gosta, mas sim o que é necessário para sua formação. Para nós, o prazer em fazer as aulas de Educação Física ou qualquer outra aula depende do processo pedagógico propiciado pelo professor.

Em relação aos conteúdos a serem ministrados na 8ª série, a entrevistada respondeu:

Ah, ele tem que **atender o conteúdo programático de cada escola**. Aí tem que ver porque dependendo de qual, cada escola tem o seu conteúdo programático. Aqui na escola, nós trabalhamos a **diversidade das modalidades esportivas**.

Neste momento, a pedagoga afirmou que o professor de Educação Física deve atender ao conteúdo programático da escola. Dessa forma, percebemos uma contradição em sua fala, pois ela antes afirmava que o professor deveria adaptar suas aulas ao que o aluno gosta. Não acreditamos que o conteúdo programático deva ser elaborado de acordo com que o aluno gosta porque cada aluno tem um gosto diferente.

Novamente, as modalidades esportivas foram encontradas com os principais conteúdos das aulas de Educação Física. Para esta pedagoga, o BOM professor de Educação Física era aquele que trabalha com o **esporte**, pois a primeira imagem relacionada à Educação Física para ela foram jogo e bola.

A seguir, o quadro das características elencadas:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Pyetra			Gostar do que faz, respeitar os alunos, respeitar as limitações físicas do aluno e seus gostos pelas aulas, trabalha com esporte.

Quadro 08. Descrição da fala da pedagoga Pyetra. Fonte: entrevista.

A pedagoga Alexia era formada há vinte anos. Atuava como pedagoga há doze anos. Para ela, o BOM professor de Educação Física:

Eh... em primeiro lugar, o professor de Educação Física, como todos os outros, deve ser um professor que tenha **atitudes éticas** porque... no seu fazer do dia-a-dia, no seu jeito de pensar a vida, no seu jeito de relacionar com os alunos, com os pais de alunos, com os colegas, eh... tendo atitudes éticas, ele vai **passar isso para os alunos**. Uma... uma outra característica que o professor de Educação Física precisa ter é **ser muito observador**. O professor, ele precisa **observar as características individuais dos alunos** pra poder **ajudar ao pedagogo** ou até **as famílias desse aluno** a trabalhar com ele. Quando há uma necessidade de um acompanhamento psicológico, necessidade de... eh... encaminhamento a um médico.

Ética foi a primeira característica elencada pela pedagoga. Característica essa, em nosso entender, a ser reconhecida em todos os profissionais. Para ela, o professor é uma espécie de espelho para os alunos, pois como ela mesma afirma, “ele vai passar isso para os alunos”.

Ser observador é uma característica fundamental do professor de Educação Física. Sendo assim, ele ministrará melhores aulas. Também acreditamos que esta característica deva ser de todos os professores e, não em especial, do professor de Educação Física.

Como a entrevistada teve dificuldades em apontar mais características, perguntamos o que deveria ter no currículo de um professor de Educação Física para que esta pedagoga o contratasse. Acreditávamos que, desta forma, a mesma apresentaria outras características. Ela respondeu que:

Eu acho importante que o professor esteja **atualizado**, né? Ele deve estar participando de cursos, de **aperfeiçoamento**, porque a própria Educação Física tem mudado muito, né? Visões diferentes hoje que há dez anos não tinha. Então, o professor que tem procurado fazer cursos, se aperfeiçoado, o professor com o currículo bom, é o ideal. Se tiver **experiência**, melhor. Se não tem, eu acho que não é um requisito que vá qualificar alguém, tendo ou não experiência. Eu acho que é mais o próprio currículo mesmo, se é um professor **estudioso** que procura sempre estar se atualizando.

Questionada acerca dos conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação Física na 8ª série, a pedagoga respondeu:

Bom, em relação aos conteúdos, eh... penso que os **desportos**, que... nessa idade os meninos gostam muito de esportes, além da... da... dos esportes, das

técnicas, a visão de **alongamento**, eh... até a própria **alimentação** dentro dessa aula, eu acho que é importante ele estar falando. Eu acho que **pra adolescente, é esporte**. As técnicas desses esportes.

Como a pedagoga anterior, esta também acreditava que os esportes são os conteúdos a serem desenvolvidos na 8ª série. Novamente, a representação do BOM professor de Educação Física estava atrelada à **bola**.

A seguir, as características condensadas eleitas pela pedagoga Alexia.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Alexia			Ter atitudes éticas, passar isso para os alunos, ser observador, ajudar ao pedagogo e às famílias, estar atualizado, ser estudioso, ministrar os desportos.

Quadro 09. Descrição da fala da pedagoga Alexia. Fonte: entrevista.

6.2- A fala dos professores

A professora Joelma lecionava Língua Portuguesa. Era formada desde 1990. No entanto, atuava como professora desde 1984. Fizemos a pergunta central para ela: “quais são as características que o professor de Educação Física deve ter para ser considerado um BOM professor?” A professora respondeu que:

O professor de Educação Física hoje que **atenda a todas as exigências mesmo da escola**, da **sociedade** enfim e que saiba ser esse **formador de aluno**, formador de gente, penso que... ele deva ser, acima de tudo, ele tem que **amar o que ele faz**. Se ele não gostar, ele pode ser até uma **influência**... negativa. Ter **competência** naquilo que ele executa, ter **compromisso**. Esse... esse compromisso, ele vai desde o compromisso ético, profissional até o compromisso, no caso do educador físico, compromisso mesmo com a Educação Física, compromisso com a **promoção do outro**. Questão de saúde, de meio social, alguém comprometido com seu fazer. Para que o professor seja competente, ele tem que ter **domínio pleno desse seu fazer**. O domínio teórico-conceitual, eu penso que é fundamental eh... a questão também da... do relacionamento entre ... ter uma **competência humana** muito grande.

Para ela, professor de Educação Física deve ser formador, propiciador da promoção do outro e deve amar o que faz. Encontra-se novamente a questão do espelho, pois a mesma afirma que o professor é uma influência (às vezes, negativa). A competência é outra característica elencada pela professora, além do compromisso com

o seu fazer e as questões relacionadas com ele. O relacionamento entre o aluno e professor também é uma característica relevante.

Questionada sobre os conteúdos a serem ministrados na 8ª série, ela respondeu:

Os conteúdos seriam **atividades, modalidades esportivas**, acredito que o menino tem que conhecer até mesmo porque ele... ele vive. E nesse mundo ele vai participar ativamente desses... dessas modalidades todas e ele tem que saber até mesmo como uma **exigência social pra ele poder jogar**, pra ele participar. Agora uma outra coisa também, é a **cultura do corpo**, do trabalho mesmo em si, o **trabalho com o corpo**, o **aspecto saudável**, saber **se cuidar**, saber **se olhar**, saber **se ver**, a **filosofia corporal**, penso que é muito bacana no sistema de orientação, de esclarecimento acerca de um monte de coisa, como... como ter um corpo... que geralmente adolescente pensa o quê? Ou ele não come para ele ser magro ou ele fica se bombando para ser o tal. Então aí nós temos dois... duas questões muito perigosas que atingem o adolescente... de imediato e que ele pode ser alguém que funcione como esse... **esclarecedor**, como esse **mediador**, como esse equilíbrio entre o menino, a menina e o corpo nessa **cultura do bem-estar**.

Para ela, os conteúdos devem ser as modalidades esportivas, no entanto, há um diferencial em relação às falas anteriores. A professora afirmava que o BOM professor de Educação Física era aquele que trabalhava com a **cultura do corpo**, a filosofia corporal. Ele deveria visar também à cultura do bem-estar em relação ao próprio corpo.

A seguir, o quadro representativo da fala da professora.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Joelma			Atender às exigências da escola, da sociedade, formador de aluno, amar o que faz, ser influência, promover a promoção do outro, ter domínio pleno de seu fazer, trabalhar as modalidades esportivas e a cultura do corpo, ser esclarecedor, mediador.

Quadro 10. Descrição da fala da professora Joelma. Fonte: entrevista.

A professora Amélia lecionava Língua Inglesa. Graduou-se em 2005 e atuava como professora desde 2002. Ao ser questionada sobre as características do BOM professor de Educação Física, ela respondeu:

Bom, eu penso que... **não foge à regra das demais disciplinas**, mas o... **professor de Educação Física tem que ter uma característica especial**.

Eh... que é o **dinamismo**. Não que outro professor de outra disciplina como eu disse, não precise ter, mas ele, em especial tem que ser um professor dinâmico e também assim... além disso, **muito paciente**, muito paciente. Isso pela área dele, por ser Educação Física e **mexer com o público**, e **movimentos e esporte**. Imagine um professor de Educação Física estático, né? Os **alunos** eh... não vão se sentir **incentivados, motivados**. Muito paciente também. (dá uma parada para pensar e continua). Bom, eu creio que o... professor de Educação Física, ele precisa de **acreditar no trabalho que ele faz** porque como todo os professores também, ele precisa ter assim... pé no chão, ter certeza daquilo ali que ele está fazendo porque, principalmente, vamos dar exemplo, no ensino fundamental, que é a área que eu trabalho, há muitas eh... reclamações mesmo de pais que... em jogos, que acham que o professor está... está discriminando certas crianças por isso ou por aquilo, ou porque o filho é mais gordinho ou que ele é mais fraquinho e o professor tem que ter certeza, pé no chão do que ele está fazendo, pra poder argumentar.

Para esta professora, o dinamismo era o que diferenciava o BOM professor de Educação Física dos demais professores. A paciência também era uma característica marcante desse professor. Para ela, o professor também deve ser um espelho, pois ela afirma que “os alunos serão motivados de acordo com dinamismo do professor de Educação Física”.

O planejamento e a fundamentação (seja teórica ou prática) são elementos fundamentais para aula desse professor. Em relação aos conteúdos das aulas da 8ª série, a professora relatou:

Bom, eh... eu penso que os alunos de 8ª série por serem mais maduros, ou deveriam ser pelo menos, né? O professor pode trabalhar um trabalho muito... eh... pode envolver muito um trabalho de... **corporal, mente, corpo** e... pra... pra... pra fase de adolescência deles mesmo. Não sei se isso vai agradar eles porque **os alunos querem esporte, querem jogar**. Aí que entra a paciência.

Bate-bola: movimento.

A professora acreditava que o BOM professor de Educação Física era aquele que realiza trabalho corporal como todo e, não somente com jogos, mesmo que a grande maioria dos alunos só deseja isso. Podemos concluir que sua representação de um BOM professor de Educação Física é aquele que é **dinâmico** que trabalha com movimento. Eis ao quadro das características elencadas pela professora.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
PROFESSOR	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR

Amélia			Ser dinâmico, muito paciente, saber mexer com o público, movimentos e esporte, motivar os alunos, acreditar no trabalho que ele faz, desenvolver um trabalho corpo-mente.
--------	--	--	---

Quadro 11. Descrição da fala da professora Amélia. Fonte: entrevista.

O professor Idergino graduou-se em Biologia em 1999. No entanto, atuava como professor desde 1996. Para ele, as características do BOM professor de Educação Física eram:

Bom, pra ele, **noções de prevenção de saúde e promoção à saúde**, noções de **capacidade de esforço** que pode ser exigido de determinado aluno na prática de Educação Física, a sensibilidade para perceber as sutilezas de uma atividade física para um grupo de alunos e... noções culturais para saber, dar enfoque ou promover atividades que tenham a ver com a realidade daquela escola, daquela comunidade.

Como o professor estava se tornando repetitivo em relação à saúde, sem, no entanto, apontar características do BOM professor de Educação Física, perguntamos quais seriam os conteúdos a serem ministrados na 8ª série nas aulas de Educação Física. Acreditávamos que, dessa forma, o professor elencasse as características solicitadas. Ele respondeu que:

Bom, o professor de Educação Física na 8ª série **deveria priorizar noções de promoção de saúde**. Eh... **promover práticas esportivas** ou **práticas de atividade física** em si são boas para a **socialização**, pra **desenvolvimento motor**, pra eh... **desinibição** de um aluno, mas tem outros comportamentos do aluno que envolvem a atividade física como brincadeiras normais ou atividades normais que podem ser focadas na Educação Física para **promoção de saúde**. Eh... **exposição ao sol**, ah... tipo de **esforço antes e após a alimentação**, tipos de **esforços na chuva**... alguma coisa que possa ser auxiliar para a educação dessa pessoa para que ela possa levar isso dentro da atividade física normal para uma criança.

Para ele, a representação da Educação Física como promoção de saúde está tão presente, que questionamos quais seriam as palavras que o levariam a lembrar de um BOM professor de Educação Física. Ele respondeu: “bola, esporte, saúde, conselho, líder, eh... mediador”.

Sendo assim, podemos concluir que sua representação do BOM professor de Educação Física era aquele que **promove saúde**. Todas as atividades planejadas por ele devem ter este enfoque. Em relação aos conteúdos, esses também devem ser relacionados à promoção da saúde.

Acreditamos que por ser um professor de Biologia (disciplina também da área da saúde) esse professor tenha a tal representação.

A seguir, o quadro das características elencadas por esse professor.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
PROFESSOR	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Idergino			Ensinar a prevenção e a promoção da saúde, esforço físico nas atividades, promover atividades esportivas para a socialização e desinibição do aluno, trabalhar o esporte.

Quadro 12. Descrição da fala do professor Idergino. Fonte: entrevista.

O professor Kayque lecionava História. Graduou-se em 2000. Atuava como professor da disciplina desde 1998. Para ele, as características do BOM professor de Educação Física eram:

O professor de Educação Física, acima de tudo, deve ter uma **boa didática** no que se refere ao fazer pedagógico com os alunos, né? Ele deve saber **transmitir** para os alunos não só **as práticas de esporte**, mas também saber transmitir eh... como eh... **as teorias em relação às disciplinas**. O professor de Educação Física também eh... tem... **deve ter consciência da sociedade**, deve estar ligado nas coisas que estão passando na sociedade, deve estar *linkado* na **atualidade**, por dentro das notícias, não só ensinando o **físico**, **mas ensinando a alma**, né, **já que corpo e alma não se separam**. Eh... outra característica que o professor tem que estar eh... é ele ser, ter uma boa **relação interpessoal com seu aluno, saber ouvir seu aluno**, não só na parte dos esportes, mas eh... saber também ouvir as expectativas que esse aluno tem da sociedade, tem da educação, que esse aluno tem da escola, eh... o professor de Educação Física é um professor como todos os outros, né? É um professor que tem sua disciplina, mas que comunga junto com todas as outras disciplinas da escola e **ele não é uma pessoa que fica voltado apenas para a quadra já que ele é uma pessoa que estuda o corpo**, estuda os sentidos, os problemas que surgem com o corpo, então, o professor de Educação Física **tem que saber um pouco de Biologia, um pouco de História, um pouco de Matemática...** ele tem que estar por dentro de tudo para que na hora da prática, né? Ensinar pro aluno que cuidar do físico também é cuidar da alma, é também cuidar de uma boa leitura, é saber como falar pra seus alunos que **fazer esporte é para a saúde**, para se manter um *status*, se manter uma imagem, né? De forma geral, eu acho que é isso. O professor de Educação Física, ele não é hoje como era antigamente. Como era o professor de Educação Física? Ele entrava na quadra e vai bater bola. Hoje não, hoje o professor, ele **tem toda uma formação humanista**, né?

Ele tem toda uma **formação didático-pedagógica, com disciplinas pedagógicas, com disciplinas humanistas**, não só voltadas pro esporte, mas pros físicos mesmo do homem, né, **o corpo e a alma**.

Este professor possuía uma visão do homem como ser integral, pois com ele mesmo afirma: “corpo e alma não se separam”. Ter didática, transmitir conteúdos teórico-práticos são as características mais relevantes apontadas por ele. A relação professor e aluno, a atualização do professor do mundo moderno também eram importantes.

Vale ressaltar que para este professor, o BOM professor de Educação Física não era aquele que fica apenas na quadra, mas que **trabalhava com a consciência corporal**.

Abaixo, a representação em forma de tabela das características elencadas por ele.

FUNÇÃO PROFESSOR	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Kayque	Corpo e alma não se separam, o professor de Educação Física não é uma pessoa que fica voltada apenas para a quadra, estuda o corpo, sabe um pouco do conteúdo das outras disciplinas, fazer esporte é para saúde, tem formação humanista e didático-pedagógica.	Antigamente, o professor de Educação Física entrava na quadra e mandava bater bola.	Ter boa didática, transmitir prática e teoria, ter consciência da sociedade, da atualidade, ensinar o físico e a alma, ter boa relação interpessoal com os alunos, saber ouvi-los.

Quadro 13. Descrição da fala do professor Kayque. Fonte: entrevista.

A professora Elane leciona Matemática. Fez estudos adicionais nessa área e formou-se em 1998. No entanto, começou a lecionar como professora de 1ª a 4ª séries em 1985. A partir de 1989, começou a lecionar Matemática de 5ª a 8ª séries. Sua concepção do BOM professor de Educação Física era:

Eu penso que não só o professor de Educação Física, mas todo professor, ele tem que ter... ser **dinâmico, criativo, organizado**, por que organizado? Porque... sendo ele organizado, ele não vai saber dar uma aula, qualquer aula, ele não vai se trabalhar de qualquer forma e de qualquer jeito. Ele vai sentir a necessidade de **planejar**, o que eu julgo ser muito importante numa atividade profissional. Planejamento, o estudo da... da... das... de... de... de... livros, de teorias dentro de sua área, eh... a observação de outras práticas,

não só a dele, e também eh... o registro, né? Eh... do **acompanhamento de cada aluno** que está com ele, de cada aluno, o **acompanhamento individual** no decorrer do ano letivo. Então, por isso, eu julgo a organização ser importante. A pessoa, quando ela é organizada, não se contenta em apenas ir para a escola, aplicar qualquer atividade e ficar por isso mesmo. Ela sente a necessidade de estar **planejando, registrando, avaliando, tudo com objetivo e consequência.**

Especificamente, o professor de Educação Física tem que **conhecer o corpo**, ou algo, né, questões ou algo básico sobre o **corpo e sobre a mente.** Ele não pode aplicar qualquer atividade para qualquer criança. De acordo com a faixa etária, né, de acordo com a faixa etária dos alunos, não necessariamente criança, existem **atividades específicas** para serem aplicadas. E essas atividades precisam de **materiais específicos.** Então, eh... questões como **alongamento, aquecimento,** eh... ou... **atividades que mexem com os músculos,** os tipos de atividades, que materiais utilizar, eh... local adequado, né, ele não pode estar pedindo o aluno pra determinar atividades psicomotoras, por exemplo, é complicado se ele colocar crianças, também citando exemplo, eh... em... em terreno onde tem elevações, onde ele tem que subir e descer. Dependendo da **atividade psicomotora,** que foi o caso que eu citei, ele tem que ter os **recursos adequados, terreno plano** e também adaptar essas atividades de acordo com a faixa etária.

Para ela, a organização de qualquer professor era fundamental. Um professor desorganizado não planeja aulas, não registra, não avalia, não tem objetivos a serem seguidos. Para a professora, isso era inadmissível em um professor. Concordamos com a entrevistada. Em relação aos conteúdos, a professora afirmou:

Normalmente, professor de Educação Física de 8ª série pensa que **futebol** é a única questão porque é o que eles pedem e pra **agradar e facilitar o seu trabalho** é onde ele recorre. Eu penso que também na 8ª série existem **atividades psicomotoras** adequadas para essa criança e não só futebol, mas **outros tipos de esportes** também, visando a atender eh... às diferenças, né, de idade, de tamanho, e também de aluno para aluno, **questões sociais,** diferenças com relação à aprendizagem, né, diferenças com relação à **coordenação motora.** Eh... de **concentração.** Então, ele tem que estar diversificando o seu trabalhando. Normalmente, ele só pensa em futebol, mas atividades específicas, né, visando um pouco a **integração do aluno, a socialização,** são... são importantes.

Aqui, esta professora afirmou que as atividades psicomotoras são imprescindíveis nas aulas de Educação Física, independente da série a ser trabalhada. Podemos concluir que sua representação do BOM professor de Educação Física era a daquele que **desenvolve a coordenação motora do aluno.** A seguir, o quadro representativo das características elencadas por esta professora.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
PROFESSOR	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR

Elane		Professor de Educação Física de 8ª série só pensa em futebol. Para agradar e facilitar seu trabalho, ele recorre ao futebol.	Ser dinâmico, criativo, organizado, planejar aulas, acompanhar cada aluno, dar atividades específicas com material específico, conhecer o corpo e a mente, trabalhar as atividades psicomotoras, os esportes, a coordenação motora, a concentração, a integração e a socialização.
-------	--	--	--

Quadro 14. Descrição da fala da professora Elane. Fonte: entrevista.

A professora Mônica lecionava História. Graduiu-se em 1992 e começou a lecionar em 1993. A partir da pergunta-chave, ela respondeu:

Bom, há menos de seis meses, eu estive trabalhando com um professor e eu achava... sempre que eu estava de folga, eu encontrava com ele, por **trabalhar no pátio**, eu via antes de um **jogo** ou de uma determinada **atividade física, ele explicava, sentava com os alunos**, quando era preciso fazer isso na quadra, **ele explicava primeiro na sala de aula o que que ia acontecer, como que cada músculo do organismo, do corpo humano ia agir** e aquilo, os alunos tinham um cuidado muito grande em praticar bem determinado exercício, se era **ginástica**, tinha um cuidado muito especial para não se machucarem. Isso eu achava muito interessante porque não é só aquela preocupação de estar eh... eu direia... de estar fazendo uma atividade de Educação Física, não. Ele **dava o porquê daquela atividade, dava uma razão**. Isso para o aluno **dá uma significação** muito grande. Dá um sentido: eu não estou fazendo isso aqui à toa, há um sentido, há uma razão pra isso aqui. **É o que eu acho que falta**, às vezes porque as experiências que eu tenho é daquele **professor que te leva pra quadra, te joga uma bola e você fica igual a um pateta jogando bola pra cima e pra baixo**, quando não fazia **teste de cooper** (na minha época), pelo menos duas vezes por mês. Isso era um caos porque não tinha preparação, sem aquecimento, sem nada, correndo doze minutos sem parar.

Bom, uma dessas, eh... dessas características é **estar o tempo todo buscando eh... objetivar o seu trabalho, pontuar com os alunos como isso vai ser trabalhado**, estar... além da questão do **carisma**, e resumindo: **não transformar a aula de Educação Física como mais uma etapa do recreio**, do intervalo. Mostrar que aquilo ali é mais um trabalho de sala de aula ou fora da sala de aula. **Uma das coisas que eu vejo que denigre a imagem do professor de Educação Física é dar essa imagem aos pais, aos dirigentes das escolas, diretores, que a aula dele é mais uma etapa do recreio**. Isso faz com que os alunos não queiram aula de história, português, por exemplo.

Questionada sobre os conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação Física na 8ª série, a professora respondeu:

Em relação aos conteúdos, de forma global, o professor de Educação Física, talvez, deveria abordar a questão da **sexualidade** de forma **interdisciplinar**. Eu penso que o

professor de Educação Física é um agente porque, nas aulas, **ocorrem choques durante as atividades** e é nesse choque que algum menino, alguma menina, que não tem a sexualidade definida na sua cabeça, pode causar algum constrangimento, o professor tem oportunidade de estar trabalhando isso. A mim parece que o professor de Educação Física está mais aberto a estas questões. **Evitar violência que envolva a questão da sexualidade.**

Quando a professora afirmou que o professor de Educação Física deve trabalhar a questão da sexualidade, concluímos que sua afirmação é oriunda de uma representação de que o corpo é um objeto de estudo da área da Educação Física. Por isso, tal questão deva ser desenvolvida em suas aulas, mesmo que em caráter interdisciplinar. Aqui encontramos uma das idéias apresentadas pelo Movimento Renovador da Educação Física: o trabalho interdisciplinar.

Desde o início de sua fala, a professora afirmou que acreditava ser importante o que seu colega de trabalho fazia: explicar o objetivo de cada atividade e o grupo muscular em atividade. No entanto, ela retratou que as explicações eram feitas em sala de aula e as atividades eram realizadas na quadra. Sendo assim, podemos concluir que sua representação do BOM professor de Educação Física era a daquele que **trabalha na quadra.**

A seguir, sua fala condensada:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Mônica		Alguns professores levam os alunos para quadra e esses ficam jogando sem objetivo, aplicação do teste de cooper, a aula de Educação Física é mais uma etapa do recreio	Sentar e explicar o objetivo de cada atividade para os alunos, ter carisma, abordar a sexualidade de forma interdisciplinar.

Quadro 15. Descrição da fala da professora Mônica. Fonte: entrevista.

Procurando estabelecer um paralelo entre os dados coletados para, assim, facilitar a análise desses, separamos tais dados de acordo com o lugar e o tempo em que os sujeitos estão inseridos. As pedagogas graduaram-se entre 1970 e 2000. Trabalhavam na área entre quatro e vinte e seis anos.

Para a pedagoga Swellen, em sua visão da Educação Física como auxiliar de outras disciplinas e o professor como mediador, encontramos a abordagem construtivista-interacionista, pois a mesma “possibilita maior integração com uma proposta pedagógica ampla e integrada da Educação Física no início da Educação básica” (DARIDO & RANGEL, 2005, p. 11). A mesma representação é encontrada na fala das pedagogas Pyetra e Alexia e dos professores Joelma, Amélia e Kayque.

Para a pedagoga Camila, ao afirmar que o professor deve gostar de esporte e ser um atleta, encontramos com predominância a abordagem esportivista, que segundo Darido & Rangel (2005, p. 04) “o papel do professor é bastante centralizador e a prática, uma repetição mecânica dos movimentos esportivos”.

A mesma abordagem foi encontrada na fala das pedagogas Bárbara e Lorena. Para esta última, o professor devia ser disciplinador. Tal abordagem também ficou denominada como mecanicista, tradicional e tecnicista, por isso, a figura do professor centralizador e disciplinador.

Já na fala do professor Idergino, a promoção de saúde foi o foco do BOM professor de Educação Física. Essa representação está presente na abordagem Saúde Renovada, que tem por paradigma a aptidão física relacionada à saúde e por objetivos: informar, mudar atitudes e promover a prática sistemática de exercícios. (BRASIL, 1999b).

A professora Elane defendeu que o BOM professor deva trabalhar a coordenação motora. Aqui está presente a representação do professor referente à abordagem desenvolvimentista defendida por Tani *et al* (1988). Nessa abordagem, o movimento é o principal meio e fim da Educação Física e as aulas devem propiciar o desenvolvimento do comportamento motor.

Encontramos na fala da professora Mônica um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais: a sexualidade.

Ao mesmo tempo, a visão do corpo e da cultura corporal estava presente como na abordagem crítico-superadora. Darido & Rangel (2005, p. 12) afirmam que essa percepção é “fundamental na medida em que possibilitaria a compreensão, por parte do aluno, de que a produção da humanidade expressa uma determinada fase e que houve mudanças ao longo do tempo”.

Como já afirmamos antes, encontramos as abordagens históricas da Educação Física presentes na fala dos diversos atores sociais, revelando que essas abordagens se entrelaçam, não havendo um início, meio e fim de determinada época.

Entendemos que, por tratar-se de educação, de tendências pedagógicas, há a relação do indivíduo como sujeito histórico e, por isso, não conseguimos identificar a época específica para que cada uma dessas tendências. A ruptura de uma tendência para o início da outra não se dá de forma estagnada. Os valores, a visão de Educação Física, de educação foi se modificando, fazendo com que novos paradigmas estivessem em voga. Compreendemos que houve, sim, uma predominância de cada uma das abordagens históricas em referidos períodos, o que não inviabiliza a presença de uma outra abordagem no mesmo período.

7- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS NAS ENTREVISTAS DOS PAIS E DOS ALUNOS

Optamos em entrevistar os pais dos alunos que cursam a 8ª série por dois motivos. O primeiro, pelo fato de já acompanharem a vida escolar de seus filhos pelo menos há oito anos (e conseqüentemente as aulas de Educação Física); o segundo porque os alunos também estão na escola pelo menos há oito anos e pela acessibilidade aos filhos, uma vez que entrevistamos seus pais.

7.1- A fala dos pais

A senhora Magda tinha 47 anos e cursou o ensino médio completo. Possui dois filhos, estando um deles cursando a 8ª série. Mediante a pergunta chave, a mãe respondeu:

Bom, em primeiro lugar, eu não sei como... que se está funcionando neste estilo. Eu acharia que o professor teria tanto ter **aula prática quanto teórica**. Nas **aulas teóricas**, eu acharia que o professor, de repente, ele estaria até **fugindo um pouco da realidade daquilo que ele estaria ali pra ensinar**, mas acho que ele teria que ter **muito diálogo com o aluno**, muita coisa assim da **atualidade**, colocar o aluno muito a prática daquilo que o mundo está oferecendo lá fora, entendeu? Conversar muito sobre **drogas**, sei lá, ele ia abordar o assunto necessário porque sempre... o questionamento de uma criança naquele dia ali. **Não só fazer exercício, correr pra lá, pular pra cá... e... e... jogar bola**. Ainda mais que eu sei porque **minha filha é menina**. Tem dias que ela chega em casa e ela fala: pôxa, fulano jogou a gente lá pro campo pra poder fazer um tal tipo de exercício e você vê que... não, num... **não era aquilo que ela, que eles desejariam ter**.

Em relação às **aulas práticas** eh... porque igual ao que eu tô te falando, tem **menina que... que não aceita jogar bola**, não aceita... não sei, porque **lá em casa ninguém gostou muito de esporte, né?** Não aceita jogar bola, não aceita... sei lá. **Ele teria que ver a realidade daquilo que criança se aperfeiçoaria mais a fazer** ou um basquete, ou um tênis, ou um handebol, ou um vôlei, uma coisa assim.

Percebemos que a mãe gostaria que as aulas de Educação Física fossem divididas em aulas teóricas e práticas. No entanto, quando ela abordou as aulas teóricas, a mesma afirmou que o professor “estaria fugindo da realidade que ele tem para ensinar”. Isso nos faz concluir que, para ela, as aulas teóricas não fazem parte do planejamento do professor.

Ela gostaria que as aulas de Educação Física não fossem somente práticas, o que nos fez inferir que o professor de sua filha ministrava este tipo de aula. Quando ela afirmou que as meninas não gostam de jogar bola, relatou que, em sua casa, ninguém gostava de esporte. Entretanto, novamente a mãe se contradisse porque ela acreditava que o professor de Educação Física deveria ver a realidade do que o aluno se aperfeiçoaria e cita as modalidades esportivas como exemplo. Assim, acreditamos que sua filha gostava de esporte, não de todos, mas pelo menos de alguns, sendo que, para a mãe, o professor de Educação Física deveria verificar qual modalidade esportiva o aluno mais se identificasse para que ele se aperfeiçoasse nesse referida modalidade.

Após sua fala, intervimos afirmando que é comum encontrar crianças que não gostam de determinadas matérias e os professores, no caso específico de Educação Física não podem ensinar somente o que os alunos gostam. Sendo assim, como seria possível a realização da aula, se não é possível agradar a todos os alunos? A mãe responde:

Não, mas, **não seria todas as aulas**, pelo menos hum, vamos botar aqui, de tantos em tantos semestre, de tanto em tanto tempo, sei lá. Sabe por quê? Eu tô achando o aluno hoje em dia muito perdido. De repente ali, naquela aula, ele iria se encontrar, por exemplo, ali ele começaria a se encontrar com um futuro lá na frente. Que às vezes, numa aula de Educação Física, ele **estaria fora de uma sala de aula, em outro espaço**, ali ele iria começar a se encontrar porque dentro da, ele está ali pra quê? Pra aprender português, matemática, física, química, história, geografia, ali naquele momento ali, seria... sei lá porque, que ele **estaria num lugar livre**, num lugar aberto, o momento de começar a despertar, começar a se encontrar.

Na sala de aula, o aluno não dá pra se expressar como pessoa porque ele está ali só pra aprender mesmo porque não quer dizer que ele vai ser o melhor, mas ele tem que conseguir um cinco ou seis pra ele poder passar de ano.

Percebendo que a mãe ainda não tinha respondido o que foi perguntado, insistimos em saber quais as características do BOM professor de Educação Física. Ela afirma:

Nem sempre o que é bom pra um não é bom pro outro. É muito difícil você julgar o que é bom. Eu sou tão ruim pra julgar os outros. É aquele que se enquadrar naquele perfil igual ao que eu te falei: ele teria que **ter aquela aula prática quanto teórica**, teria que dar **abertura para o aluno se expressar**, como ele está fora de uma sala de aula, o aluno questionar com ele. Ele não está ali só pra dar futebol, dar basquete, dar vôlei, dar handebol.

Mediante a confirmação de sua fala, concluímos que sua representação do BOM professor de Educação Física era aquele que **ministra aulas práticas e teóricas**.

Aqui encontramos a abordagem crítico-emancipatória defendida por Kunz (1994). Nessa perspectiva, o professor problematiza as aulas fazendo com que o aluno seja crítico e autônomo.

Abaixo, o quadro representativo das características:

FUNÇÃO PAIS	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Magda	Na quadra, o aluno pode expressar-se como pessoa.	Na sala de aula, o aluno está para aprender mesmo, a Educação Física não é na sala de aula.	Ministra aulas práticas e teóricas, dá abertura para o aluno

Quadro 16. Descrição da fala da mãe Magda. Fonte: entrevista.

A senhora Conceição tinha 46 anos. Era extremamente tímida. Cursou o ensino médio completo e possuía três filhos. Um deles estava cursando a 8ª série.

Quando questionamos quais as características do BOM professor de Educação Física, ela respondeu:

É só o jeito de **tratar as crianças**, né? Estar com as crianças **bem**, né? Um **respeito** a ele e... **ensinar as coisas que não machuca**, não prejudica nada. Pra não machucar, assim... ele tem que ensinar como jogar a bola direito, não sentar (acertar) né, a bolada no outro, porque às vezes, uma vez, eu vi uma vez ali uma criança jogando bola, acertando bola com força na criança. Ensinar, né, as coisas direitinho, né... que eu disse assim... a bola né? E **outros tipos de brincadeira que não machuca tanto**, não bater com tanta força porque vai cair, pode quebrar um braço... e jogar um jogo de, de, de... **peteca, vários tipos de brincadeira que não gera tanta violência nem agressividade de uma criança pra outro**.

É do saber comum que a sociedade em que vivemos se torna mais violenta a cada dia. A disseminação da violência é o que mais preocupa esta mãe, pois ela afirmou que o professor de Educação Física deveria ensinar respeito, as coisas que não machucam, que não geram violência nem agressividade entre os alunos.

Percebemos que, mediante a timidez da mãe e da preocupação com a violência, a mesma não respondeu ao que foi perguntado. Continuamos os questionamentos, agora sobre os conteúdos das aulas de Educação Física nas aulas da 8ª série. Ela afirmou:

Para 8ª série, assim, **jogar, ensinar** assim pra uma... uma coisa assim de... **futebol**, por exemplo, ensinar um **vôlei**, né, que é uma atividade que né, que vai pra mais a frente, que muita gente, né, que vários né, **atletas**, né, que assim.. ensinar uma, uma... um... como é que fala? **Um tipo de jogo que possa mais tarde ele se evoluir com aquilo**. Mais pra frente pode jogar vôlei, né? Ser uma pessoa... ou vôlei, ou **basquete**, ou **handebol**. Entendeu como? Porque **quando eu estudava, eu joguei handebol e eu até ganhei uma medalha e eu fiquei feliz da vida**. Então, assim... seria bom pra **incentivar**, entendeu? **Mesmo a pessoa sendo ruim** de... por exemplo, jogar um futebol. Ah, mas meu filho, né, outra pessoa é ruim de bola, não tem aquele dom de jogar bola, seu jogo é vôlei ou basquete e não deixar a pessoa ou o adolescente, no caso, não ficar triste. Ah, mamãe, eu não vou jogar porque ele não aceita eu jogar porque eu sou ruim de jogar bola. Mas você é bom de outra coisa, entendeu? Então tem que incentivar sempre aqueles que não jogaram e que ficaram de reserva. **Dar uma medalha só de participação porque teve jogos aqui que meu filho não jogou**, entendeu? E... chegou em casa bravo porque... ele não tinha... não meu filho, você tem que saber ganhar e perder. Isso eu sempre ensinei meus filhos. E lá você não ganhou, mas você vai participar. Dá força para seus amigos, pros seus colegas para eles sentirem também que você não participou, que você, às vezes, é ruim de bola, mas é bom de outras coisas, de vôlei, né. Pela altura dele, o professor falou que ele é bom de vôlei e de basquete, né? Aí, quer dizer, aí incentivou ele mais e ele não ficou tão triste porque não é ruim de jogar futebol. É uma situação difícil, então **o professor tem que incentivar bastante pra que o aluno não fique tão discriminado**.

Para a mãe, o professor de Educação Física deveria ensinar algo que leve o aluno “para mais a frente”, que deva evoluir e perceber esta evolução, como por exemplo, com medalhas. Como seu filho não “é bom na prática do futebol”, como ela mesma afirmou, ela acreditava que o professor deveria diversificar suas aulas para que os alunos que não soubessem determinado conteúdo (esporte) não se sentissem discriminados em relação aos colegas. Por isso, a figura do professor deveria ser daquele propiciador de aprendizagem.

Continuando os questionamentos, perguntamos à mãe se ela poderia elencar as características do BOM professor de Educação Física sem levar em conta o professor atual de seu filho. Ela assim relatou:

O professor deve ser **muito educado**, falar com educação, **sem gritar**, se o professor tiver problemas, não vir descontando em cima das crianças, deixar os problemas em casa, se precisar de dar castigo, pode botar. Dentro da escola, os professores e os diretores são os pais do meu filho. Saiu do portão, eu que tenho que agir. Eu entrego meu filho nas mãos da escola. O professor também **deveria cumprimentar a gente**. É tão bom quando um professor dá um bom dia pra gente, né? É também deixar eu perguntar: meu filho, como é que está? Está fazendo as tarefas direitinho? Está obedecendo?

Para ela, a educação era fundamental em um professor. O diálogo com os pais também era importante. Em toda sua fala, a educação esteve presente. A relação

interpessoal também é uma preocupação dos pais, com afirmou esta mesma mãe. Sendo assim, podemos inferir que, para ela, o BOM professor de Educação Física deveria ser **educado**.

A seguir, o quadro representativo das características elencadas por esta mãe:

FUNÇÃO PAIS	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTA ÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Conceição	Ganhar medalhas.		Tratar bem os alunos, ensinar coisas que não machucam, evitar a violência e a agressividade, esportes, incentivar o aluno que não domina determinada modalidade esportiva.

Quadro 17. Descrição da fala da mãe Conceição. Fonte: entrevista.

A senhora Miltes tinha 42 anos e cursou até a 8ª série. Tinha dois filhos e um deles cursava a 8ª série. Segundo a mãe, o professor de Educação Física para ser considerado BOM professor, deveria ser:

Ele sendo **carinhoso**, né? Com os filhos e na aula que precisa dar, é importante, né? O que é **básico** que tem que dar, né? Eu acho que o que tem sido feito é o ideal. Uma **aula de futebol** que de vez em quando eles dão, né? O que é muito importante pra eles, eu acho que o que tem sido feito está sendo muito útil para as crianças.

Como as respostas estavam sendo evasivas, perguntamos para a mãe o que ela acreditava que estava sendo feito nas aulas e o que era básico em sua visão. Ela assim respondeu:

O que é bom é **aula de futebol** pra eles, principalmente. A **ginástica que eles fazem antes**, né? **Os exercícios**. O que **falta é handebol** que eles dão de vez em quando aí, né, no sábado para as crianças... né, a aula de **basquete** também que eles tanto gostam... isso é muito importante pra eles. Acho que tem sido dado pelo professor é muito bom.

Podemos concluir que as aulas de Educação Física se resumiam em modalidades esportivas e que o futebol era considerado como conteúdo básico das aulas de Educação Física. Sua representação do BOM professor de Educação Física é aquele que **ensina os esportes**.

A seguir, o quadro das características elencadas por esta mãe.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	PAIS	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA
Miltes	O professor dá aquilo que é importante para os alunos.	Falta handebol e basquete.	Carinhoso com os alunos e durante a aula, ensinar o básico.

Quadro 18. Descrição da fala da mãe Miltes. Fonte: entrevista.

A senhora Maura tinha 38 anos. Coursou até a 4ª série e possuía um filho que estava na 8ª série. Para ela, o BOM professor de Educação Física deveria ter as seguintes características:

Tem que ser **rígido**, né? **Não dar muita confiança pros alunos**, e... **não participar de drogas, de bebidas alcoólicas**, senão eles vão estar passando **pros alunos** também... e ser **responsável**. Eh... inclusive o professor do fulano (aluno), eu ouvi falar muito bem dele porque... **eles falam que ele é ruim, mas eu não acho que ele é ruim**. É porque **ele é rígido e gosta das coisas certas**, então, ele... **não permite certas coisas na hora da aula** e eu acho isso ótimo. **O exemplo desse professor dele é um exemplo ótimo, maravilhoso**. Eu já assisti umas aulas dele. Eu gostei porque **ele não deixa eles levarem a Educação Física na brincadeira**, manda levar a sério e chama a atenção deles quando eles estão brincando um com o outro na hora da Educação Física. Na hora da Educação Física, eles sempre brincam um com o outro, e ele chama a atenção e eu gostei muito, né? **Ele não permitiu que continuasse a brincadeira**. Se é sério, tem que ser sério. Uma vez eu assisti uma aula dele. Eu lembro que ele estava dando um jogo. Eu não sei que jogo era. Era uma que tinha que pegar a bola da mão do outro. Eu agradeço a Deus por ele (o filho) ter participado desse professor e que todos sejam bons igual a ele.

A mãe afirmou que a rigidez é uma das características marcantes de um BOM professor de Educação Física. O fato de o professor ser um espelho, novamente, é ressaltado. Assim, podemos concluir que a **rigidez** era a característica representativa do BOM professor de Educação Física na visão desta mãe entrevistada. Entendemos que esta rigidez é benéfica, pois o professor é contra transformar a aula numa brincadeira, deu seriedade ao trabalho.

Apesar da fala da mãe referir-se à abordagem esportivista, tecnicista, todas as abordagens também possuíam pontos positivos e negativos. Um dos pontos positivos era a disciplina.

A seguir, as características elencadas por esta mãe:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	PAIS	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA
	Ele é bom porque é	Os alunos falam que o	Ser rígido, não usar drogas, não dar

Maura	rígido, gosta das coisas certas. Aula é coisa séria.	professor é ruim porque ele é rívido.	confiança para os alunos, não ingerir bebidas alcoólicas, ser exemplo, responsável, não deixar os alunos levarem a Educação Física na brincadeira.
-------	--	---------------------------------------	--

Quadro 19. Descrição da fala da mãe Maura. Fonte: entrevista.

A senhora Gabrielle tinha 37 anos e cursou até a 2ª série do Ensino Fundamental. Tinha duas filhas. Bastante tímida, no início afirmava que não saberia dar opinião alguma pelo fato de não ter estudado. Após nossa intervenção, a mãe contribuiu com a entrevista afirmando que o BOM professor de Educação Física deveria ser:

Tem que ser **simpático, amável** e ter **muita paciência**, independente da série que ele dá aula. Bom, ele precisa **ser um bom professor**. Ele teria que ter **boas qualidades**.

Por mais que tentássemos fazer outras perguntas, a timidez da mãe fazia com que ela repetisse o que já havia mencionado. Insistimos em saber quais eram as boas qualidades desse BOM professor. Ela respondeu: “gostar do aluno, amar o que faz, ser pontual. Isso é muito importante”.

Abaixo, o quadro representativo:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Gabrielle			Simpático, amável, ter muita paciência, gostar do aluno e do que faz, ser pontual.

Quadro 20. Descrição da fala da mãe Gabrielle. Fonte: entrevista.

O senhor Alyson tinha 35 anos e estava cursando o 2º período de um curso superior. Tinha duas filhas, uma delas aluna da 8ª série. Questionado sobre as características do BOM professor de Educação Física, ele respondeu que:

Eu acho que em primeiro lugar, ele tem que ser **profissional**. Eh.. profissionalismo em primeiro lugar. Depois, ele ter **conhecimento da disciplina**, né? Educação Física já que **Educação Física envolve movimento físico**, ter conhecimento e ter aquilo... aquele jeito de **induzir os alunos a ter...** eh... o **desejo de praticar Educação Física** porque **Educação Física é saúde**. Eh... eu acho que é principalmente isso. Em primeiro lugar, profissionalismo. Independente da disciplina, qualquer professor tem que ser

profissional em primeiro lugar. Profissionalismo é se integralizar no que está ensinando, procurar induzir os alunos e saber se os alunos estão eh... discernindo aquele discernimento, eh... aquele conhecimento. Profissionalismo é... eu acho que é isso: é **seriedade**, é trabalhar, a **responsabilidade**, o **compromisso**, né? Com o seu trabalho. Os conteúdos a serem ensinados é a **disciplina** em primeiro lugar. Os alunos têm que ser disciplinados. Depois, a educação, né? Também tem que ter. E depois eh... **induzir o que estabelece a disciplina**. Na verdade, ele tem que ser um **mestre**.

Percebemos que este pai acreditava que a disciplina fosse fundamental na escola. Ele utilizou o verbo “induzir”, queria que os alunos fossem disciplinados. Afirmou que a disciplina era o primeiro conteúdo a ser ensinado pelo professor de Educação Física. O profissionalismo também envolve disciplina. Com isso, podemos concluir que a representação do BOM professor de Educação Física para este pai era a daquele que é **disciplinador**.

Em seguida, o quadro das características:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
PAIS			
Alyson	Educação Física envolve movimento físico,		Simpático, amável, ter muita paciência, gostar do aluno e do que faz, ser pontual.

Quadro 21. Descrição da fala do pai Alyson. Fonte: entrevista.

7.2- A fala dos alunos

A aluna Luzia tinha 14 anos. Sempre estudou em escola pública. Questionada sobre as características do BOM professor de Educação Física, ela respondeu:

É meio difícil. Para a aula ser boa, deveria ser mais **divertida**. Ah, o **professor só não mandar correr na quadra**, mandar jogar... **jogar vôlei**, jogar... **handebol**. De vez em quando tem **recreação**, mas não é todo dia, não.

A aluna era extremamente tímida. No início, não queria dar a entrevista, principalmente porque estava sendo gravada. Após nós falarmos que a mãe participou do processo, autorizou sua fala e que este estudo poderia melhorar as aulas de Educação Física, a aluna concordou. No entanto, disse que falaria pouco. Resolvemos arriscar.

Sua fala iniciou com a frase “é meio difícil”. Podemos inferir que a aluna não gostava das aulas de Educação Física. Lembramos da fala de sua mãe quando a mesma afirmou que em sua casa ninguém gostava de esporte.

Como já afirmamos, a aluna não queria falar. Depois, quando perguntamos quais as características do BOM professor, ela respondeu que é difícil. Para nós, a dificuldade estava atrelada ao não gostar das aulas de Educação Física.

A aluna ressaltou que gostaria que a aula fosse mais divertida, que houvesse mais recreação. Seu professor “só manda correr e jogar vôlei e handebol”.

Percebemos que a necessidade de se ter uma aula mais divertida reforça o argumento da aluna não gostar das aulas. Perguntamos, então, como seria a aula divertida, a aula boa, ela respondeu:

A aula boa é aquela que tem recreação e que a gente tem que jogar alguma coisa. Ah, jogar vôlei, jogar handebol, jogar futsal. **Divertido é dar brincadeira também.**

Nesse momento, percebemos que a aluna gostaria que a aula fosse mais divertida e, por isso, repetiu a palavra “recreação”. No início, argumentava que não era só jogar, depois, falou que era jogar. Porém, acrescentou o futsal. Como a aluna falou somente da aula, perguntamos novamente sobre o professor. Ela ressaltou:

Eh... o que é legal na aula de Educação Física, o professor é **bom quando dá aula diferente**. Ele leva a gente pro Atletismo no (...) ⁹. É legal porque a gente sai da escola e é o local é legal.

Quando perguntamos qual era a imagem que mais lhe lembrava as aulas de Educação Física, a aluna respondeu: cansaço. Acreditamos que isso se dava pelas aulas repetitivas do professor e de sua metodologia de ensino “de só mandar o aluno correr”. A aula deste professor estava centrada no rendimento físico. No entanto, para a aluna, a representação do BOM professor de Educação Física era aquele que é **criativo**.

Percebemos, nesse momento, que nossos alunos “clamam” por professores criativos, que possam propiciar momentos agradáveis em aula.

Abaixo, o quadro das características elencadas pela aluna:

⁹ A aluna citou o nome de um espaço alternativo onde há um campo de futebol e uma pista de atletismo que constitui uma das partes da vila olímpica de uma Faculdade de Educação Física da região. O local é próximo à escola e a faculdade cede o espaço eventualmente para as aulas da referida escola.

FUNÇÃO ALUNOS	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Luzia	A aula deveria ser mais divertida.	É meio difícil. O professor não só mandar correr e jogar.	O professor deveria dar recreação e brincadeira. O BOM professor dá aula diferente.

Quadro 22. Descrição da fala da aluna Luzia. Fonte: entrevista.

O aluno Bruno tem 17 anos. Ficou reprovado duas vezes (uma na 5ª série e outra na 8ª). Para ele, as características do BOM professor de Educação Física eram:

Bom, ele teria que ser **bom, honesto, e não chato igual ele é**. Ah, ele fica **pegando no pé direto** e aí quando você faz uma coisa errada, ele já manda para fora. Ah, ele fica lá: você tem que fazer isso. Tá errado, vai fazer aquilo. Aí você fala e aí ele manda pra diretoria. Pra **aula ser boa**, ele **tinha que ter mais desenvolvimento, dar mais atenção aos alunos...** só. Ele tinha que dar um futsal, handebol, vôlei... Ele tinha que ensinar... **ensinar bastante**, como é que se joga... ele só ensina jogar quem já sabe. O que não sabe, ele... o que não sabe, ele manda jogar e aí joga errado ele não ensina, aí ele fica dando esporro lá. **Ele só dá jogo, ele não ensina jogar.**

Percebemos o “grito de socorro” na fala deste aluno. Ele estava defasado em relação aos demais alunos devido suas reprovações. Também devido a elas, já tinha tido as mesmas aulas de Educação Física por mais dois anos. O aluno afirmou que seu professor era chato, não dava atenção aos alunos e só dava jogo. Aqui, podemos inferir que sua representação do BOM professor de Educação Física era o contrário do que seu professor é. Para ele, o BOM professor de Educação Física era aquele que **ensina** (no caso, conteúdos de Educação Física).

Nossos alunos necessitam do ensino. Este é um dos motivos que eles vão à escola. Se é aula de Educação Física, o professor deve ensinar Educação Física.

Abaixo, relacionamos as características elencadas por este aluno:

FUNÇÃO ALUNOS	CATEGORIAS		
	REPRESEN TAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Bruno		Seu professor é chato, “pega no pé dos alunos”, manda-os para a diretoria quando fazem coisas erradas, o professor só ensina quem já sabe, ele só dá jogo, não	Bom, honesto, dá atenção aos alunos, ensinar bastante.

		ensina a jogar.	
--	--	-----------------	--

Quadro 23. Descrição da fala do aluno Bruno. Fonte: entrevista.

A aluna Lina tinha 13 anos. cursava a 8ª série. Sempre estudou em escola pública. Ela afirmou que o BOM professor de Educação Física:

Primeiro ele tem que... **ensinar, dar as aulas bem**, eh... ensinar handebol, futebol... Ah, ele podia **dar atividade nova porque... ele só dá handebol**, assim... e **vôlei**. Ele podia assim... falar com a escola pra poder dar basquete também, mas aqui não tem aquelas... tabelas. Aí não tem como dar. Mas ele poderia estar dando. Não sei o que pode fazer pra adaptar. Sei lá, **ele só dá handebol e vôlei pras meninas. Futsal quase as meninas não joga**. Mas na quadra, dia de sábado, eu jogo. Só que não é ele que dá. Eu tenho outro **treinador** que ele treina as meninas dia de sábado. Ele só fica dando aula de futsal pras meninas. **Eu acho que ele acha que futsal é só coisa de menino**. E também as meninas gostam muito de handebol só que eu não sou... não sou muito chegada no handebol, mais só futsal e vôlei. É o que eu mais gosto. **A gente tem duas aulas de Educação Física por semana e é assim... divide a aula, metade da aula é das meninas e metade da aula é dos meninos. As meninas handebol e os meninos futsal**. Ah, ele poderia assim... estar **correndo um pouco com a gente**, está dando **alongamento**, tipo no atletismo. Eu gosto muito da **corrida**, da **parte do colchão quando tem atletismo**.

Lina afirmou que o professor deveria ensinar e dar atividades novas. Podemos perceber que suas aulas do professor a que ela se referiu visavam a esportivização e os momentos da aula eram separados por sexo. Além disso, as aulas eram repetitivas. Mesmo com a repetição das atividades, o professor repetia somente as modalidades esportivas, não mencionando outro conteúdo nas aulas. A aluna também falou o tempo todo em esporte. Podemos concluir que o BOM professor de Educação Física, para ela, deveria ser **criativo** a fim de evitar as repetições ocorridas no cotidiano das aulas.

A seguir, o quadro representativo por meio da fala desta aluna:

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
	REPREENSÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Lina		Eu acho que ele acha que futsal é só coisa de menino, professor treinador.	Ensinar, dar boas aulas, inovar.

Quadro 24. Descrição da fala da aluna Lina. Fonte: entrevista.

O aluno Lucas tinha 16 anos e ficou reprovado uma vez (na 7ª série). Para ele, o BOM professor de Educação Física deveria ter “**respeito com os alunos, uma boa disciplina, só isso**”.

Como o aluno falou: só isso. Compreendemos que ele não queria falar mais. Então, percebemos que precisávamos instigar mais o aluno para que as características do BOM professor fossem reveladas. Em relação aos conteúdos das aulas de Educação Física, ele ressaltou: “Ah, existe um montão de conteúdos na Educação Física: handebol, futsal, vôlei, basquete...”.

Quando questionado se o professor só trabalhava esportes, o aluno respondeu: “não, atletismo, eh... salto com vara, um monte de coisa”.

Para o aluno, atletismo não era esporte porque não “tinha bola”. Chegando à conclusão que atletismo também era esporte (após nossa intervenção), o aluno afirmou que o professor não ensinava outras coisas além do esporte em suas aulas. Ele continuou:

O professor **divide uma semana de futsal, uma semana de vôlei, uma de handebol, basquete de vez em quando em duas aulas por semana**. O professor **ensina os fundamentos até a metade do ano**, depois tem os **jogos da primavera, o interclasse também na última semana de aula**. Eu não posso falar mal do professor porque **ele é gente boa comigo**. Ah, mas tem gente que... abusa dele, né? Não faz Educação Física e aí ele fica bravo e manda pra diretoria. E lá é ocorrência na certa. Só que eu acho errado. O aluno em vez de fazer a Educação Física certinho, fica xingando, abusando da cara dele. Esses mesmos alunos fazem isso em várias aulas. Às vezes, fazem nas cinco aulas do mesmo dia, direto. O que eu mais gosto no professor é, ué, **ele explica bem, ensina direito, ele leva a gente pra passear de vez em quando... Para mim, bom professor é inteligente, educador**.

Lucas afirmou que seu professor ensinava somente as modalidades esportivas. No entanto, não tinha essa consciência no início da entrevista. A aula relatada não apresentava uma seqüência pedagógica, pois o professor “dá uma semana” de cada modalidade esportiva.

Percebemos que a aula de Educação Física, apesar do esforço do professor em fazer os alunos a valorizarem, não era valorizada dentro do projeto político pedagógico da escola. Isso se confirmou com a realização de jogos interclasses ocorrendo somente na última semana de aula.

Como já afirmamos na introdução desta pesquisa, com nossa experiência no magistério, verificamos que, nessa época, grande parte dos alunos e professores já está cansada. Acreditamos que tais jogos sejam uma alternativa para se completar o calendário letivo, bem como recompensar os alunos do desgaste acumulado no decorrer

do ano. Sendo assim, aqui, a disciplina Educação Física possuiem a visão compensatória.

Em relação ao aluno, para ele, o BOM professor de Educação Física eraaquele **educador**, que ensinava. Tal representação se repetiu.

Abaixo, o quadro das características elencadas por este aluno.

FUNÇÃO ALUNOS	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Lucas	Ele é gente boa comigo. Explica bem, ensina direito, leva os alunos para passear.	Treinamentos para os jogos da primavera. Interclasse na última semana de aula.	Respeito com os alunos, ter boa disciplina, inteligente, educador.

Quadro 25. Descrição da fala do aluno Lucas. Fonte: entrevista.

A aluna Cristiane tinha 14 anos. Sempre estudou em escola pública. Para ela, o BOM professor de Educação Física:

Ele deve ter... ele deve ser um... uma **boa pessoa, pessoa simpática** que se dê bem com todo mundo, saber como... **como dar Educação Física de uma maneira saudável, que não seja tanto cansativo**, só. Ah, dar uma Educação Física assim que... que seja **divertida, diferente**, que não **canse tanto**. Que num... por exemplo, **que não seja jogo, jogo, jogo**. E isso cansa muito. A pessoa, às vezes, uma gincana, uma coisa diferente, dá uma aliviada. Eu gostei de voleibol. Eu não gostei de fazer handebol, futsal, basquete. **Eu só aprendi esporte na aula de Educação Física**. O professor deve ser **bonito** também. Tem que ter um corpo bonito. Professor de Educação Física não pode ter corpo feio.

Mediante a fala da aluna, o professor de Educação Física era caracterizado como um modelo que deve ser simpático, divertido e bonito. Suas aulas não devem ser cansativas. Seu professor ensinava somente “jogo”, como ela mesma afirmou “eu só aprendi esporte na Educação Física”. Para ela, as aulas deveriam ser saudáveis e para isso, deveriam ser menos cansativas. Podemos concluir que sua representação do BOM professor de Educação Física é aquele que era **criativo**, já que ela reclamou da repetição de esporte (que não seja jogo, jogo, jogo).

Vale ressaltar que a aparência do professor é um ponto chave em sua representação. Podemos inferir que esta representação está atrelada pelo fato da aluna ser adolescente e ter a idéia de que o professor é um espelho. Segundo Castro & Castro (2003, p. 134) “a partir do século XIX, mais especificamente na década de 70, a

Educação Física é associada à idéia da educação do físico e da saúde corporal”. Verificamos que essa idéia perdura até os dias de hoje.

Abaixo, o quadro das características elencadas por esta aluna:

FUNÇÃO ALUNOS	CATEGORIAS		
	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Cristiane		A aula de Educação Física é só jogo. Eu só aprendi esporte na Educação Física. O professor deve ser bonito, ter corpo bonito.	Boa pessoa, simpática, se dê bem com todo mundo, dê aula de maneira saudável, dar Educação Física divertida e diferente.

Quadro 26. Descrição da fala da aluna Cristiane. Fonte: entrevista.

A aluna Patrícia tinha 15 anos e já ficou reprovada uma vez (na 5ª série). Sempre estudou em escola pública. Para ela, o BOM professor de Educação Física deveria ser:

Bom, primeiramente, **simpático**, tem que **se dar bem com todo mundo**, eh... **ensinar as pessoas direito**, fazer todo mundo entender bem o que... como que vai ser, que **assim as pessoas vão começar a gostar dele**, entendeu? Assim eles vão ter mais intimidade para perguntar o que eles tiverem dúvida. Eu aprendi na Educação Física futsal, vôlei... esse ano a gente ficou, por enquanto, aprendendo só isso. Eu gostaria de aprender basquete e etc. **eu queria aprender só esporte**. Mas eu não gostei de futsal porque, pra mim, eu acho que é muito enjoado. Eu também não sei jogar futsal. **É muito difícil pra mim aprender, entendeu?** Às vezes, quando a pessoa não conseguia eh... jogar direitinho, direito, **ele ensinava direitinho** como é que era e a pessoa ira aprendendo. Mas **eu sou muito difícil de aprender as coisas**, entendeu? Ah, um bom professor também, como eu já disse e assim, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo que a pessoa tiver dúvida, ele tem que responder com atenção para que assim as pessoas possam aprender direitinho **como fazer o esporte**.

Podemos verificar que Patrícia apresentava um estigma, pois ela mesma afirmou “eu sou muito difícil de aprender as coisas”. Porém apesar de acreditar ter dificuldade, ela disse que já aprendeu vôlei e futsal e ressaltou que seu professor ensinava direitinho.

Podemos inferir que sua representação do BOM professor de Educação Física era aquele que **ensina esporte**, pois ela afirmava que o professor tinha que responder **tudo** (ela disse essa palavra seis vezes seguidas) que a pessoa tiver dúvida em como fazer o esporte. A seguir, o quadro representativo das características elencadas por esta aluna.

FUNÇÃO	CATEGORIAS		
ALUNOS	REPRESENTAÇÃO POSITIVA	REPRESENTAÇÃO NEGATIVA	IDEAL: REPRESENTAÇÃO DO BOM PROFESSOR
Patrícia	As pessoas vão começar a gostar do professor quando ele ensinar bem.	Eu queria aprender só esporte.	Simpático, se dar bem com todo mundo, ensinar bem, tirar dúvidas, ensinar esporte.

Quadro 27. Descrição da fala da aluna Patrícia. Fonte: entrevista.

Percebemos que os pais têm uma visão antagônica a dos professores e pedagogos. Para a mãe Magda, as aulas deveriam ser práticas e teóricas. Entendemos que a práxis deve ser mantida em todas as disciplinas. Kunz (2001), alerta que o professor deve ensinar por meio da transcendência de limites. Numa concepção crítico-emancipatória, os alunos devem representar, manifestar (tanto pela linguagem cênica quanto pela verbal), perguntar, questionar, verificar seu próprio nível de aprendizagem ou falta dela. Isso será possível através da práxis pedagógica do professor.

Para as mães Conceição e Miltes, a relação interpessoal é o mais importante entre professor/alunos/pais.

A disciplina também foi uma constante entre os pais. A figura do professor disciplinador foi apontada pela mãe Maura e pelo pai Alyson. Esta visão está atrelada à tendência higienista que tinha como finalidade a melhoria das funções orgânicas e trabalhava com obediência, respeito à autoridade e com a submissão (DARIDO & RANGEL, 2005).

Para os alunos, a aula de Educação Física deveria ser mais divertida. Pelo que pudemos perceber, as aulas que os dois professores dos alunos entrevistados ministravam resumiam-se à prática esportiva. Assim, as aulas poderiam ser classificadas de acordo com a tendência esportivista que tinha como finalidade a busca do rendimento, da eficiência e da produtividade por meio do esporte. No entanto, os alunos ansiavam para que as aulas fossem de acordo com a tendência construtivista que visava à construção do conhecimento e ao resgate da cultura popular por meio de brincadeiras e jogos populares tendo como “pano de fundo” o prazer e o divertimento.

Dos seis alunos entrevistados, cinco responderam que o BOM professor é aquele que ensina e que é criativo. Eles desejam que o professor busque pela criatividade, pela inovação e a tente de fugir da “mesmice” de todos os dias. Para isso, faz-se necessário planejamentos, estudos, pesquisas e comprometimento com seu fazer pedagógico.

CONCLUSÕES OU NOVAS INDAGAÇÕES?

O objetivo desse estudo foi identificar as representações sociais da comunidade escolar sobre o que é ser um BOM professor de Educação Física. Procuramos lidar com a pluralidade de sujeitos (professores, pedagogas, pais e alunos de 8ª série) em busca de uma resposta: a representação social desses sujeitos. Eles falam de lugares diferentes e também são sujeitos históricos diferentes.

Após a coleta e análise dos dados, concluímos que as representações desse BOM professor guardam relação direta com cada abordagem histórica pelas quais passou a Educação Física. Dentre os professores e pedagogas entrevistados, a abordagem esportivista foi a predominante. Reconhecemos que essa abordagem, apesar de predominar nas décadas de 60 e 70, se faz presente ainda hoje, tendo como representação do BOM professor de Educação Física aquele que é propiciador do esporte, da prática esportiva e, por fim, responsável pela seleção natural dos seus alunos que tenham perfil ao esporte de rendimento.

Já para os pais e alunos, nossa grata surpresa, a representação do BOM professor de Educação Física não está atrelada ao professor de esportes, mas ao que é educador, mediador, criativo, independente de qual conteúdo será ministrado por este professor. A visão desses sujeitos, mesmo que de forma inconsciente, vai ao encontro da abordagem crítico-emancipatória, que preconiza o aluno/a como sujeito do processo. Como sujeito, o aluno é o foco principal do processo de ensino-aprendizagem e esse deve capacitar o aluno para sua participação na vida social, cultural e esportiva.

Nossos pais e alunos apresentaram uma visão muito mais humanística do que dos professores e pedagogas. A esportivização é um produto que é feito no interior da escola e não fora dela. Como os pais estão fora da escola, e ela, na maioria das vezes, não está aberta à participação dos pais, a visão deles é bem diferente dos professores e das pedagogas.

Estabelecendo um paralelo entre as discussões, concluímos que a concepção do BOM professor de Educação Física como profissional docente está atrelada às exigências da sociedade contemporânea, tais como enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão e compreender o domínio teórico-prático dos princípios e conhecimentos que regem a instituição escolar.

Já as Representações Sociais são construídas no cotidiano escolar, sendo fruto da cultura do aluno em relação ao seu meio seja na escola ou fora dela. Tais representações estão relacionadas à figura humana do professor, como ser amigo, competente e criativo.

Do ponto de vista metodológico, acreditamos que, como estamos vivendo a era da complexidade, da diversidade, do trabalho interdisciplinar, da integração dos saberes, procuramos escutar a fala do Outro. Sim, Outro com letra maiúscula, um Outro que está presente no cotidiano escolar, que é igual e ao mesmo tempo diferente de nós.

Foi imprescindível para nós ouvirmos esse Outro colega professor e também pedagogo que lida com outro componente curricular, outro objeto de ensino. Ambos não tiveram acesso aos conhecimentos que o professor de Educação Física teve e, por isso, primordial saber o que esse professor, aparentemente leigo, pensa, manifestando-se por meio de nossa pesquisa.

Fundamental também foi entrevistar os pais e alunos das escolas. Afinal, não são para eles que a escola também é feita? Os pais confiam seus filhos aos professores (e uma mãe – nossa entrevistada – disse muito bem isso) como se o futuro melhor desses filhos dependesse somente do professor e do que esse aluno aprende na escola. O mesmo fazem os alunos: vão à escola à procura de um futuro melhor.

Cada um de nossos sujeitos de pesquisa encontrava-se em uma situação de produção. Por isso, encontramos em suas falas muitas evasivas, ambigüidades e contradição. Isso nos fez concluir que ainda há muito a ser feito na escola.

Ressaltamos que não bastou abordar a Teoria das Representações Sociais. Devemos, agora, indagar o que assegura a permanência da representação do BOM professor de Educação Física (no caso da pesquisa, por parte dos integrantes da escola: pedagogos e professores) ser atrelada àquele que somente trabalha com o esporte e/ou com a esportivização.

Parece que estamos em uma via sem fim, que apesar dos acadêmicos/futuros professores freqüentarem os bancos universitários e seus professores tentarem mudar tal representação exaustivamente (e eu sei disso porque sou professora universitária), quando esses acadêmicos vão para o mercado de trabalho, na maioria das vezes, encontram um sistema que propicia e facilita a idéia do continuísmo da representação do professor de Educação Física das décadas de 60 e 70.

Sendo assim, neste momento fazemos as seguintes indagações: de que adiantou o movimento renovador da Educação Física na década de 80? Quais suas reais contribuições para a superação da Educação Física escolar focada exclusivamente na esportivização? Acreditamos que o fato de diversos professores de Educação Física terem ingressado em programas de *strictu-sensu* de outras áreas, tenha contribuído consideravelmente para novas formas de compreensão e manifestação da Educação Física no espaço escolar e, conseqüentemente, capaz de promover outras representações sobre o BOM professor de Educação Física.

Durante essa época, surgiram, então, outros objetos de intervenção da Educação Física escolar para além do esporte e/ou prática esportiva. Houve discussões sobre: atividade física, prática pedagógica, motricidade humana, cultura corporal, cultura corporal de movimento, entre outras, passaram a fazer parte dos inúmeros debates sobre o cotidiano da Educação Física na escola.

Acreditamos que a cultura, tematizada na prática pedagógica do professor de Educação Física, seja o principal objeto de intervenção da Educação Física escolar nos dias de hoje. Compreendemos que a cultura esportiva não se resume aos ensinamentos com bola. Necessário se faz pensá-la também pelas brincadeiras, lutas, jogos, danças, teatros, cantos, e demais manifestações culturais onde o movimento se faça inerente.

A pesar desses avanços no campo teórico, terminamos provisoriamente este trabalho fazendo as seguintes perguntas: O objeto de intervenção da Educação Física mudou somente no papel? Essas modificações trouxeram conseqüências práticas? O que ainda falta para que a representação social do BOM professor de Educação Física esteja atrelada não somente a esportes? É o que pretendemos descobrir em um outro momento de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. Méthodologie de recueil des représentations sociales: aspects théoriques. In: _____. (org). **Pratiques sociales et représentations**. Traduzido por Alda Judith Alves-Mazzoti. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, p. 11-35. (Mimeo).

ALTET, M. As Competências do Professor Profissional: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PERRENOUD, P. et alii. **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** 2. ed. ver, Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 23-35.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARBOSA, C. L. A. **Educação Física escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BELTRÃO, F. B. e MACÁRIO, N. M. O Bom Professor de Educação Física: visão do Estado, visão do aluno. **Motriz**, v. 6, n. 2, jul-dez, 2000, p. 81-87. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/06n2/Beltrao.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Lisboa: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 1996.

_____. Decreto nº 69.450 de 1º de novembro de 1971. Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 e a alínea C do artigo 40 da Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 nov. 1971.

_____. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental: Ministério da Educação, 1999a.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEM, 1999b. (Área: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – Educação Física).

CALDEIRA, A. M. S. A Formação de Professores de Educação Física: quais saberes? Quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 22, n. 3, p. 87-103, maio, 2001.

CARDOSO, C. L. Unidade Didática 4: concepção de aulas abertas. In: KUNZ, E.

(Org.). **Didática da Educação Física 1**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003, p. 121-158.

CASTRO, C. G. F. S. de; CASTRO, M. R. de. O mito em relação ao corpo atlético do professor de Educação Física. *Cadernos Camilliani*. v. 4, n. 2, 2003. p. 131-137.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2005.

DAUSTER, T. Representações sociais e educação. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 49-56.

DURKHEIM, E. **Os pensadores: as regras do método sociológico** in Durkheim. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FURLANI, L. M. T. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** São Paulo: Cortez, 1990.

GALVÃO, Z. Educação Física Escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Ano I, n. 1, 2002, p. 65-72. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/editoramackenzie/revistas/edfisica/edfis1n1/art5_edfis1n1.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2006.

HILDEBRANDT, R; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Traduzido por Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

KUNZ, E. Unidade Didática 5: práticas didáticas para um “conhecimento de si” de crianças e jovens na educação física. In: _____. (Org.). **Didática da Educação Física 2**. Ijuí: Unijuí, 2001, p.15-52.

LOPES, A. J. R. **Nazareth – templo de luz, requinte de caridade! – as representações sobre o Colégio Nossa Senhora de Nazaré, de Conselheiro Lafaiete: 1905-1939**. Dissertação de Mestrado em Educação. Betim, UNINCOR, 2007.

MARTINS, V. Decálogo do Bom Professor. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=254.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2006.

MADEIRA, M. C. Porque Ser Bom Professor. Disponível em: <[http://www.anatomiafacial.com/docencia\(3\).htm](http://www.anatomiafacial.com/docencia(3).htm)> . Acesso em: 16 abr. 2006.

MOSCOVICI, S. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. Das Representações Coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 45-66.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NEVES, A. A. O Desafio de Ensinar. **Primeira Versão**. ano I, n. 62, Porto Velho, nov, 2001. Disponível em: <http://www.unir.br/~primeira/artigo_62.html.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2006.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIRES, G. L. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.

RANGEL, M. **Representações e reflexões sobre o “bom professor”**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Das Dimensões da Representação do “Bom Professor” às Dimensões do Processo de Ensino-Aprendizagem. IN: TEVES, N. e RANGEL, M. (Orgs.). **Representação social e educação**. Campinas, SP: 1999. p. 47- 77.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SILVA, E. G. e TUNES, E. **Abolindo mocinhos e bandidos**: o professor, o ensinar e o aprender. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

SOARES, C. L. *et al.* (Coletivo de Autores). **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1993.

STEFANINI, C. Pressupostos para a elaboração de um programa de educação física para as séries iniciais do ensino fundamental. In: MOREIRA, E. C. (Org.). **Educação Física escolar**: desafios e propostas. Jundiaí, SP: Fontoura, 2004, p. 75-88.

TANI, G. *et al.* **Educação Física escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EDUSP: UNESP, 1988.

TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

VOCAÇÃO. In: **Miniaurélio século XXI escolar**: O minidicionário da Língua Portuguesa. 4.ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 716.

ANEXOS

Anexo I:

Decreto nº 69.450 de 1º de novembro de 1971. Publicado no D.O.U. em 03/11/71.

Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961 e a alínea C do artigo 40 da Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968 e dá outras providências.

Título I

Do relacionamento com a sistemática da Educação Nacional

Art. 1º - A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação.

Art. 2º - A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

Título II

Da caracterização dos objetivos

Art. 3º - A educação física, desportiva e recreativa escolar, segundo seus objetivos, caracterizar-se-á:

I – No ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, da criatividade do senso moral e cívico, além de outras que concorrem para completar a formação da personalidade.

II – No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe pelo emprego útil do tempo de lazer uma perfeita sociabilidade, a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, a aquisição de novas habilidades, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios.

III – No nível superior, em prosseguimento à iniciada nos graus precedentes, por práticas, com predominância de natureza desportiva, preferentemente as que conduzam

à manutenção e aprimoramento da aptidão física, à conservação da saúde, à integração do estudante no “campus” universitário, à consolidação do sentimento comunitário e de nacionalidade.

§ 1º A aptidão física constitui a preferência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino.

§ 2º A partir da 5ª série de escolarização, deverá ser incluída na programação de atividades a iniciação desportiva.

§ 3º Nos cursos noturnos de ensino primário e médio, a orientação das atividades físicas será análoga à do ensino superior.

Título IV

Da organização e funcionamento

Capítulo I

Padrões de referência

Art. 5º - Os padrões de referência para orientação das normas regimentais de adequação curricular dos estabelecimentos, bem como para o alcance efetivo dos objetivos da educação física, desportiva e recreativa são situados em:

I – Quanto à seqüência e distribuição semanal, três sessões no ensino primário e no médio e duas sessões no ensino superior, evitando-se concentração de atividades em um só dia ou em dias consecutivos.

II – Quanto ao tempo disponível para cada sessão, 50 minutos, não incluindo o período destinado à preparação dos alunos para as atividades.

III – Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física.

IV – Quanto ao espaço útil, dois metros quadrados de área por aluno no ensino primário e três metros quadrados por aluno no ensino médio e superior.

Anexo II

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Publicada no D.O.U. em 20 de dezembro de 1996.

TÍTULO I

Da Educação

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º. Esta Lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º. A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

TÍTULO II

Dos Princípios e Fins da Educação Nacional

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;

X - valorização da experiência extra-escolar;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

TÍTULO V

Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino

CAPÍTULO I

Da Composição dos Níveis Escolares

Art. 21. A educação escolar compõe-se de:

I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio;

II - educação superior.

CAPÍTULO II

Da Educação Básica

Seção I

Das Disposições Gerais

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 1º. Os currículos a que se refere o caput devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil.

§ 3º. A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Art. 27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

I - a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;

II - consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III - orientação para o trabalho;

IV - promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não-formais.

Anexo III***Carta para os pais apresentadas às escolas***

Cachoeiro de Itapemirim, 01 de novembro de 2006.

Prezado responsável,

Meu nome é Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro, sou professora, moro em Cachoeiro de Itapemirim e faço o Curso de Mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nesse curso, estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada *Representações Sociais da Comunidade Escolar sobre o BOM professor de Educação Física*, referente à Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação desta Universidade. Tal pesquisa tem o objetivo de verificar quais as Representações Sociais que a Comunidade Escolar tem sobre o bom professor de Educação Física. No entanto, para que eu possa realizá-la, necessito de sua participação. Irei entrevistar diretores, pedagogos, professores, alunos de 8ª série e pais de alunos.

Sendo assim, solicito sua participação para a realização da entrevista. Ela será na escola de seu filho no dia _____ às _____ horas. Necessito de sua confirmação para tal entrevista.

Sua participação será voluntária e suas informações serão utilizadas para o estudo que não contém dados que possam identificá-lo. Além disso, esclareço que pode retirar sua participação a qualquer momento sem que isso possa causar algum prejuízo a você.

Suas informações serão muito úteis para a conclusão desse estudo, para a construção de um melhor ensino da Educação Física escolar nas escolas de Cachoeiro de Itapemirim e, ainda, para outros pesquisadores que poderão utilizá-lo como fonte de pesquisa.

Esclareço, ainda, que não haverá pagamento para nenhuma das partes.

Caso queira entrar em contato comigo, utilize os dados abaixo:

Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro

Telefone:

E-mail:

Desde já, agradeço a atenção dispensada.

Profª Carla Geovana F. S. de Castro.

Anexo IV***Bilhete enviado aos pais por meio das escolas***

Escola _____

Data:_____.

Srs. Pais ou Responsáveis

No dia _____ às _____, vários pais farão uma entrevista com a prof^a Carla Geovana que está fazendo uma pesquisa na Universidade Federal de Juiz de Fora para melhorar a qualidade do ensino de seu (sua) filho(a).

SUA PRESENÇA É MUITO IMPORTANTE!**CONTAMOS COM VOCÊ!**

Anexo V**Termo de Consentimento livre e esclarecido****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu, Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro, solicito seu consentimento para participar da pesquisa *Representações Sociais da Comunidade Escolar das aulas de Educação Física*, referente à Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais, que tem o objetivo de verificar quais as Representações Sociais que a Comunidade Escolar tem das aulas de Educação Física.

Garanto, ainda, que sua participação é voluntária e que suas informações serão utilizadas apenas para o estudo que não contém dados que possam identificá-lo. Além disso, esclareço que pode retirar sua participação a qualquer momento sem que isso possa causar algum prejuízo a você.

Suas informações serão muito úteis e trarão benefícios para esse estudo e outros que o utilizarão como fonte de pesquisa.

Esclareço, ainda, que não haverá pagamento para nenhuma das partes.

Caso queira entrar em contato comigo, utilize os dados abaixo:

Carla Geovana Fonseca da Silva de Castro

Telefone:

E-mail:

Eu, _____,
concordo em participar do estudo em questão, pois obtive todas as informações necessárias sobre a pesquisa.

Data: _____

Assinatura: _____

Anexo VI

Roteiro de perguntas na entrevista do estudo-piloto

- 1- Em sua concepção, quais são os objetivos da Educação Física na escola?
- 2- (Caso a resposta da pergunta anterior abordasse a importância da Educação Física na escola): Por que você acredita que a Educação Física é importante na escola?
- 3- Quais são os conteúdos que você vê que o professor de Educação Física deveria trabalhar em suas aulas?
- 4- Quais espaços físicos da escola serviriam para as aulas de Educação Física?
- 5- O que deve ser avaliado nos alunos nas aulas de Educação Física?
- 6- O professor de Educação Física também pode usar a biblioteca durante suas aulas?
- 7- Eu gostaria que você pudesse me indicar um bom professor de Educação Física, não necessariamente aqui desta escola. Que você pudesse indicar uma pessoa que considere como um BOM professor de Educação Física:
- 8- Minhas perguntas já acabaram. Você gostaria de fazer algum comentário sobre algo que ainda não foi perguntado?